

[TT00416]

A moreninha

Joaquim Manoel de, Macedo

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

A moreninha

A MORENINHA

Comédia em 1 Prólogo e 4 Atos, de Joaquim Manuel de Macedo

Sala: Ao fundo duas portas e uma janela no centro: 2 janelas a d.: Mesa já usada e sôbre ela tinteiro, papéis, livros, dois castiçais de latão, espelho de caixa aberto, canapé velho: 2 cadeiras, canastras, cabide com roupa, estante rude com livros, vasos, escovas, boião de graxa, etc. Botinas no chão, desordem enfim de casa de estudantes.

prologo

cena 1ª

AUGUSTO (Em mangas de camisa e de chinelos deitado no canapé com um livro aberto; Leopoldo de robe de chambre à janela do fundo. Fabrício vestido para sair; mas de barrete vermelho na cabeça, e espreitando a janela da d.) (Augusto canta como absorto) - Bela visão do passado.

Que na minha alma ficou.

FABRÍCIO (deixando a janela) - O diabo leve a tua visão do passado! é a segunda vez que me espantas a Cocotinha.

LEOPOLDO (chegando-se) - A Cocotinha é feia como dia de sabatina.

FABRÍCIO - Faz porém pastéis de nata gostosos como tempo de férias.

LEOPOLDO - Quem se lembra da Cocotinha hoje que Mme. Venoi com as filhas e as sobrinhas vai em nossa companhia ao fogo dos barraqueiros do Campo... A Nini já por vezes me atirou beijos lá de cima.

FABRÍCIO - Eu prefiro um pastel de nata; mas irei ao fogo só por bambochata.

LEOPOLDO - O buzilis está na ceia, que é imprescindível; porque a velha é gulosa, como tu, ou como uma harpia.

FABRÍCIO - Macaca assenta melhor. (Quer voltar à janela).

LEOPOLDO (Detendo-o) - Tu és tão cínico, que andas sempre com a onça; mas Fabrício, se hoje por exceção...

FABRÍCIO (Mostrando a carteira) - Sempre na regra! três pelintras por tôda a riqueza até o fim do mês.

LEOPOLDO - O fim do mês é patife! estou reduzido a cinco mil réis.

FABRÍCIO - Não os derretas na ceia: as francesas comeriam a isca sem cair no anzol. (Vai para a janela).

LEOPOLDO - Que entrosga demorada! Augusto! estás deveras in extremis?... absolutamente em estado de vácuo?...

AUGUSTO (Fechando o livro) - Infandum, regina, jubes renovare dolorem!...

LEOPOLDO - Cataclisma universal!... é horrível! (Vai para a janela do fundo e namora para cima.)

AUGUSTO (Canta) -

Bela visão do passado

Que na minh'alma ficou

Imagem de anjo mimoso.

FABRÍCIO (Volta-se) - Isto é insuportável! vai cantar para o inferno.

A moreninha

cena 2ª

(Augusto, Leopoldo, Fabrício e Rafael que serve café em louça muito desigual e oportunamente se retira: e logo Felipe que apenas entra, despe a sobrecapa, e vai, falando)

FABRÍCIO - "Adsum" ao café! (Chegando-se com Leopoldo).

AUGUSTO - Rafael, traze-me aqui uma xícara.

LEOPOLDO - Augusto! e o fogo com as francesas?...

AUGUSTO - Hei de ir... A Fanny não é feia, a Nini é bonita, a Jeanette é engraçadinha.... eu voto por tôdas três.

FABRÍCIO - Êste poli - Cupido é capaz de votar até pela velha.

FELIPE (Entrando) - Oh! escândalo sem têrmo! Três estudantes de medicina, tendo por palácio a sala de fundo de um sobrado velho, com tristes cacarecos de casa de belchior!

FABRÍCIO - Temos discurso! Felipe depois de jantar fica sempre eloqüente! as carraspanas o tornam orador.

FELIPE - Pois hoje o discurso há de ser em verso de música, oh! figuras vergonhosas, e oh! trastaria indecente!

(Canta) -

Dos cacaréus no museu

Eis Fabrício em grande gala;

(Leopoldo senta-se em uma cadeira) -

Mas corooou-se sandeo

Com o pior trapo da sala:

Traz caída sôbre a orelha

E remendada ajustou

A carapuça vermelha.

Que de seus avós herdou.

Os três

(Cantam e Felipe dança) -

Vinho alegre! carraspana!

Carraspana! carraspana!...

FELIPE (Canta) - (Leopoldo em chambre antigo.)

Que foi azul n'outra era

Pondo a física em castigo,

Mil equilíbrios opera;

E assim não cai da cadeira,

Que com um pé desconjuntado

É a que está mais inteira

Na mobília do sobrado.

Os três

(Cantam) -

Vinho alegre! carraspana!

Carraspana! Carraspana!...

FELIPE (Canta) -

Augusto mostra deitado

A dupla côr de chinelo,

Que n`um pé é encarnado,

E no outro pé amarelo;

E o sofá onde descansa,

Comprado em terceira mão

Por pouco que dure a dança,

Irá com seu dono ao chão.

Os três

(Cantam) -

Vinho alegre! carraspana!

Carraspana! Carraspana!...

FELIPE - Ah! vocês tomaram café?...que louça da Índia! parece louça d`Angola; oh! Rafael! dá-me café ainda que seja em um boião, ou em uma cuia! (Canta) -

No aparelho do café

Vê-se n`um pires rachado

Xic'ra que não fica em pé,

Mas que tem lavor dourado;

Ali chávena sem asa

Em pires de espalhafato,

(Apresentando)-

Aqui o símbolo da casa

Uma tigela n'um prato!

Os três

(Cantam) -

Vinho alegre! Carraspana!

Carraspana! Carraspana!

FELIPE (Recebe o café em uma caneca que lhe traz Rafael) - Alto! o café pode se beber, e eu
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

A moreninha

tenho negócio urgente: já houve aqui ajuste para a véspera de Santa Ana?...

LEOPOLDO - Farejante patuscada? Fiat lux!

FELIPE - Minha avó chama-se Ana, e eu os convido para festança séria e de espavento na ilha de Paquetá!

LEOPOLDO - Anicus certus in re incerta cernitur: e conta comigo.

FABRÍCIO - Idem, ainda que chova.

FELIPE - E tu, indolente Augusto?... minha avó é muito amável; teremos além disso um povinho de moças bonitas; olha, minhas primas vão.

AUGUSTO (Movendo-se no sofá) - Pior! eu não conheço tuas primas; é porém crueldade atacarem-me pelo fraco: ai! as moças têm feito do meu coração almofadinha de alfinetes: não vou a Paquetá.

FELIPE - Se soubesse que demoninhos no superlativo são minhas primas!...

SEOPOLDO - Sério, Felipe?... meninas de optimé cum laudé.

FELIPE - A mais velha, a Joanhina, dezoito anos, romântica, belos olhos negros, pálida...

AUGUSTO (Sentando-se) - Pálida?... oh!... mas eu não vou a Paquetá. (Deita-se)

FELIPE - A Quinquina, um ano mais mûça, olhos azuis, rosas nas faces, loura...

AUGUSTO (Sentando-se) - Loura?... olhos azuis?... isto é uma tentação; mas eu, não vou a Paquetá: não vou. (Deita-se)

LEOPOLDO - Felipe, já nos disseste que tens uma irmã...

FELIPE - Sim; uma menina de 15 anos; moreninha, travessa...

AUGUSTO (Saltando do sofá) - Moreninha, diabo?...

LEOPOLDO - Augusto rendeu-se à descrição.

AUGUSTO - Por muito vadiar ando ando receioso de ficar baleado em novembro; mas que terceto encantador! uma loura e bela, outra pálida e romanesca, outra enfim moreninha, linda e tranquina! ai, meus pecados! (Para o livro). Velpeau! tem paciência: até depois de Sant`Ana! (Atira com o livro) Eu vou a Paquetá.

FELIPE - Bravo! fica porém sabendo que segundo me disseram Fabrício anda encabrestado pela Joanhina.

LEOPOLDO - A pálida? então engajarei namôro com a loura.

FELIPE - E tu, Augusto? irá acaso apaixonar-te por minha irmã?

AUGUSTO - Ah! Felipe! por tôdas três é mais certo.

LEOPOLDO - Eí-lo com a sua mania! ah, maluco!

AUGUSTO - Mas se é assim a pesar meu? as moças entram-me no coração sem pedir licença: na mesma hora e no mesmo lugar amo a duas, a dez, a vinte! o que eu queria e não posso, é prender-me a um só amor durante três dias ao menos!

LEOPOLDO - Récipe: camisola e cáustico na nuca!

FELIPE - Aposto que volta de Paquetá cativo de uma de minhas primas.

AUGUSTO - De ambas é o que mais receio; mas se de volta, e ao desembarcar na cidade der com os olhos em outra jovem interessante, ficarei rendido.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

FELIPE - Aposto que minha prima já te há de ter por namorado escravo até o dia em que te mandar ler o teu Velpeau...

AUGUSTO - E eu aposto que não; e quero que a aposta se refira não só à tua prima, como a qualquer outra moça.

FABRÍCIO - Eu redijo o termo da aposta, aquêle que perder pagará um jantar no hotel Faroux. (Senta-se à mesa).

FELIPE - Não, guloso: aquele que perder escreverá uma comédia, na qual faça a confissão da sua derrota...

AUGUSTO - Fabrício, escreva o que Felipe quiser: tomara eu perder! já não posso com tantas moças no coração. (Deita-se).

FRANCESAS (Cantam ao fundo e do alto).

? L'amour nous fuit la leçon: (Augusto deitado. Felipe e Leopoldo à janela)

Partout ce dieu sans façon.

Prend la nappe pour serviette

Turlurette

Turlurette

Bon vin et fillete

FABRÍCIO (Durante o canto) - Isto é Parnaso, que não me inspira: quando eu fôr médico, e me faltarem sangue-sugas, receitarei amores de costureiras francesas.

FELIPE - E foram-se! (Deixando a janela) Quero ir lá em cima encomendar camisas com a condição de não ser a velha quem tome a medida dos colarinhos. (Leopoldo toma-lhe o braço, e fala com ardor em voz baixa) que pagode!... vamos! e a velha?

LEOPOLDO - Tambolho indispensável; mas a ceia?

FELIPE - Imprescindível para se embebedar a velha.

LEOPOLDO - Sim, mas não há matéria prima: eu, cinco mil réis; Fabrício três pelintras; Augusto sem vintém! eis a situação da república.

FELIPE - E eu que ontem caí no absurdo de pagar a conta ao meu alfaiate!... diabo! (Pensa) Temos dinheiro! vou sacar sôbre o banco da Inglaterra!

FABRÍCIO - Eis o termo (Lê) - No dia 24 de julho de 1844...

FELIPE - Fora massada! Aprovado unanimemente! assinemos todos. (Assinam)

LEPOLDO (A Felipe) - E o banco da Inglaterra?

FELIPE - Vou já convidar para a nossa festa de Sant'Ana o mr. James, velho amigo da família: é um inglês muito honrado; mas devoto de Baco e de reperigas: êle pagará ceia de Luculo e até os bonecos de Teles! venham comigo!...

LEPOLDO E FABRÍCIO - Vamos. (Penteam-se e vestem-se)

AUGUSTO (A Felipe) - A tua vai à Paquetá? (Em confidência)

FELIPE (A Augusto) - Que dúvida! O nosso casamento já está resolvido e aprazado.

AUGUSTO - E ralham da minha inconstância em amor!... um noivo em suciata com

A moreninha

francesas costureiras!...

FELIPE - Isto vai em despedida de solteiro. Tu não vens?

AUGUSTO - Não: eu só iria se o inglês fosse inglesa. (Deita-se)

cena 3ª

(AUGUSTO e logo FABRÍCIO)

AUGUSTO (Canta)

Bela visão do passado
Que na minh'alma ficou!
Imagem de anjo mimoso,
Que mais nunca me deixou!
Tenho fé...

FABRÍCIO - Ah! pude agora fugir aos caçadores de inglês!

AUGUSTO - E vens ao cheiro dos pastéis da Cocotinha.

FABRÍCIO - Venho pedir-te grande favor. Eu sempre cultivei o amor ultraclássico, que me rendia empadas e doces; mas uma noite quis experimentar o teu amor ultra-romântico: fui ao teatro de São Pedro e entabolei namôro com uma jovem, que estava em camarote de terceira ordem: eu não sabia se era bonita ou feia, romantismo no caso: no entre ato subi ao corredor da terceira ordem e logo veio a mim um creoulinho, demônio de azeviche, lustroso como um botim, engraçado, esperto e ligeiro como um macaco, Mercúrio danado, que se chama Tobias.

AUGUSTO - O pagem da tua objetiva, hein?

FABRÍCIO - Um malvado, que me prendeu nas teias da aranha mais teimosa e que desde essa noite me persegue fazendo-me pagar as cartas e as flores, que me manda a sua importuna sinházinha.

AUGUSTO - Sinházinha! que doce diminutivo!

FABRÍCIO - Amargo, como sulfato de quinina! ela é sentimental como Julieta, e ciumenta como Medea! cartas e flores à farta, um pastel ou uma empada nunca, o Tobias a comer-me os cobres sempre!... e para coroar a obra tenho de esbarrar em Paquetá com o diabo da teimosa que é a pálida Joaninha; prima de Felipe.

AUGUSTO - Que feliz rapaz!...

FABRÍCIO - Meu Augusto, faze-me um favor de amigo: namora a Joaninha em Paquetá: - eu fingirei ciúmes de Otelio; mas podes ter a certeza de que não matarei Desdemona. O que quero é pretexto para livrar-me dela e do Tobias.

AUGUSTO - Oh! tratante! pensas que me presto a zombar de uma inocente Donzela?

COCOTA - (Canta dentro, e logo Fabrício tira de dentro do bôlso e desenrola um cordel que traz um gancho ou anzol na ponta.)

(Canta) -

Mamãe, de cansada,
Dormiu, coitadinha
E eu triste, sòzinha
Velando fiquei;

A moreninha

Velando cismando,

Em que eu nem sei.

FABRÍCIO - É o sinal de que a mãe está dormindo a sesta.

AUGUSTO - O que é isso, gaudério?

FABRÍCIO - É o cordel clássico que leva o amor positivo no anzol sólido preso à ponta da realidade. (Vai à janela) Ó Cocotinha! A noite se aproxima, e para mim é neste momento que está rompendo a aurora. Quando te vejo sinto brilhar-me o sol nas medulas da traquéia artéria, e o coração me palpita em fogo nos centros frênicos da diafragmada pneumática.

COCOTA - (Dentro) O sr fala muito bem, mas não quer falar a mamãe: vai ser doutor, e eu sou muito pobre para sua noiva.

FABRÍCIO - Cocotinha, o inosso casamento é só questão de tempo; deixe-me fazer exame, e verá!

AUGUSTO - Que pouca vergonha! olha que eu desengano a Cocotinha!...

COCOTA (Dentro) - Pois bem, eu creio na sua palavra; por que o amo muito... mas... ah! mamãe espirrou e vai acordar: deite depressa o cordel; quero dar-lhe uns pastéis, que eu mesma fiz para o senhor. (Fabrício deita o cordel)

FABRÍCIO - Beije-os primeiro: quero nos pastéis o néctar dos seus lábios, um beijo em cada um... assim! Oh, Cocotinha! és bela como a Euridice de Faetonte, como a Rosemunda de Sardanapalo.

AUGUSTO - Charlatão!

FABRÍCIO - Como a Semiranis de Hipócrates, e a Syracura de Praxiteles!... (Puxa o cordel).

COCOTA - (Dentro) Se amar-me sempre, serei para o senhor tudo isso que me diz: adeus! até amanhã!

FABRÍCIO - Adeus, aurora boreal!... (Deixa a janela) Seis pastéis de nata! isto é que é namôro: queres um pastel, Augusto?

AUGUSTO - Venha. (Comem) Na verdade está delicioso.

FABRÍCIO - É a revelação clássica do amor confortativo e estomacal! isto é que é namôro.

AUGUSTO - Dá-me outro pastel.

FABRÍCIO - Dou-te mais dois em partilha fraternal; jura-me porém que hás de namorar a Joaninha em Paquetá.

AUGUSTO - Menos essa! Tu és homem que só vive pela barriga.

FABRÍCIO - Ah! então come pastéis na imaginação: é romântico.

AUGUSTO - Não me caustiques: dá-me outro pastel!

FABRÍCIO - Só restam dois e ambos serão teus; mas com a condição de namôro ferrado em Paquetá!

AUGUSTO - Borrão da academia! tu acabarás casado com alguma cozinheira! dá-me o pastel!

FABRÍCIO (Recuando de Augusto e comendo) - Um e último! decide... paixão romântica em Paquetá ou...

AUGUSTO (Vendo Fabrício com o pastel à bôca) - Espera, malvado! Dá-me o pastel! Por fim de contas eu sempre me apaixonaria pela bela Joanhina.

FABRÍCIO - Vê lá! palavra de honra?...

AUGUSTO - Ora!... o contrato é até leonino; por que ficas sem o pastel e sem a namorada. Conta comigo. (Recebe o pastel.)

FABRÍCIO (Com o braço pelo pescoço de Augusto e vendo-o comer). - Pilades e Horestes! Em apêrto igual apela para mim. Hein? que pastelinho!...

AUGUSTO - Deixaste-me o pior!... enganaste-me com um pastel rançoso... eu protesto! (Deita-se).

FABRÍCIO - Protestas?... que queres dizer com isso?

AUGUSTO - Pedaco d'asno, não me perturbes a digestão!

FABRÍCIO - Eu tenho a tua palavra de honra e em caso de má fé...

AUGUSTO (Canta) -

Bela visão do passado
Que na minh'alma ficou.

FABRÍCIO - Ficou na tua barriga; mas foi o meu pastel! eu me vingarei! em Paquetá, hei de denunciar o teu sistema de amor inconstante e perfídia à tôdas as senhoras!...

AUGUSTO - Pascácio! vás recomendar-me à elas.

FABRÍCIO - Invocarei o testemunho de Felipe e de Leopoldo!

AUGUSTO - Faze-me êste favor, toleirão!

FABRÍCIO - Ultimatum! namorarás ou não a Joanhina?

AUGUSTO - Tens aí outro pastel de nata?

A moreninha

cena 4^a

(Augusto, Fabrício e Rafael, que tem trazido uma vela de cebo em castiçal de latão, e que sai e entra a seu tempo: Felipe e Leopoldo, trazendo cada um duas garrafas de champanhe. James, trazendo grande bôlo inglês: depositam na mesa o que trazem.)

Felipe, Leopoldo e James (Cantam) -

Gáudio! folgança! festa!

Súcia! folia! ardor!

Tôda de Baco e amor

Comece a noite já!

Tra-la-ra-lá-lá-lá.

E viva Baco e amor!

FELIPE (Apresentando) - Mr. James, perfeito, gentleman! Augusto e Fabrício, estudantes comme il faut. (Apertam as mãos)

JAMES - Satisfeita de alegre companhia! estralada de passa-tempo non prejudique o crédito: eu também goste muito de raparigues! (Conversam)

LEOPOLDO - Rafael! dois lençóis lavados para toalha da mesa! a louça tôda já! (Muito movimento)

FELIPE - Copos! e por suplemento, canecas e xícaras! Luzes!

FABRÍCIO - Há velas de sêbo; mas faltam os castiçais!...

FELIPE - Garrafas vazias no caso! Augusto, faz as honras da casa a Mr. James. Leopoldo com Rafael arranjam a mesa: eu e Fabrício faremos o prodígio da iluminação!

AUGUSTO (A James que observa tudo, rindo-se) - Mr. James, nunca freqüentou casa de estudantes?... (Felipe, Leopoldo, Fabrício e Rafael entram e saem arranjando a mesa).

JAMES - Oh, non; mas estar arrependida: êste non é comfortable; ser porém fora de comum, e muito gracioso.

FABRÍCIO (Vendo o bôlo) - Bôlo inglês! Estou caído: viva Mr. James!

JAMES (Voltando-se) - Obrigada! mas eu não sabe porque!

AUGUSTO - Êste estudante é estroina. Quer ver as francesinhas?... (Leva James à janela do f.) - Pssiu! pssiu! (Toca castanholas com os dedos.) Olhe, que três amores!...

JAMES - Oh! bonites!... bonites!... verruel! eu hoje fique perdida!... que demoninhas!... (Namora-as: risadas das francesas)

LEOPOLDO (A Felipe) - O inglês paga o pato: mas temô-lo pela proa: declaro que não lhe cedo a Nini. (As francesas continuam a rir.)

FELIPE - Nem eu a Fanny: deixa-o por minha conta. (Vai-se Leopoldo).

JAMES - Passarinho foi-se embora! (Deixando a janela) Êste sim vai ser muito comfortable! que boa regabofe! Eu hoje deita fogo nos raparigues!...

FELIPE (A James) - Prevenção de amigo: a mãe e tia das cujas é velha; mas pretenciosa, e fica intratável se não a namoram.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

JAMES - Oh! diable!

FELIPE - Felizmente com uma ou duas horas de namôro e quatro copos de vinho perde a cabeça e deixa o namorado entregue à filha e às sobrinhas.

JAMES - Eu namora a velha três horas e lhe dá 8 copas de vinho! êste aumenta originalidade de regabofe. Obrigada, doutor Felipa! (Aperta-lhe a mão)

FABRÍCIO - Admirem o candelabro, e bôlo inglês ao inventor! (Mostrando a iluminação em garrafas.)

LEOPOLDO - Silêncio! As francesas descem do 2º andar.

FELIPE - Mr. James, cuidado com a velha.

FABRÍCIO - Elas aí vêm, uma coruja e três borboletas.

A moreninha

cena 5ª

Os mesmos, Venoi, Nini, Fanny, Jeanette e Rafael, que espia da porta e ri.)

VENOI - Eu com mademoiseles me abandone à confiança de cavalheiros honrados!

LEOPOLDO - Sans peur et sans reproche, como Bayardo. (Apresenta) Mme. Venoi, honestíssima viúva em retiro precoce: mles. flores em viço de pureza; Mr. James, celibatário inofensivo, ministro plenipotenciário da Inglaterra e nesta república.

AUGUSTO - Que paraíso de Mahomet! Não sei para qual das três me volte! (James conversa com Venoi)

FABRÍCIO (A Jeanette) - Voules-vous faire com votre Jolie main un enxerto de garfo no meu braço, s'il vous plaite, mlle?... (Jeanette toma-lhe o braço) À la gloire!... (Leopoldo toma o braço de Nini.)

JAMES - Eu me sinta em súbita rendimento aos encantos de Mme. Venoi. (Felipe toma o braço de Fanny)

VENOI - Oh! Sr. ministre é bien bom, e eu me ache vivamente apertada em laços de perigosa seduction !

AUGUSTO - Mr. James e Mme. Venoi, acabam por formar aqui um inglesato de francesa! mas... como é isto? Vocês me deixaram solteiro?...

LEOPOLDO - Mme. e mles. antes de sairmos para o fogo, temos a honra de oferecer-lhes uma fatia de bolo inglês e uma taça de champanhe.

FELIPE - A louça é variada por vaidade dos donos da casa, e a iluminação é a giorno pelo fogo do meu amor! (A Fanny) A flama veio de você, ladrão?

FANNY (A Felipe) - É por que a flama sai do amor.

JEANETTE (A Fabrício) - Se me belisque outra vez, eu larga seu braço.

FABRÍCIO (A Jeanette) - Pois um beliscãozinho faz mal, criatura?

AUGUSTO (Todos à mesa) - Eu sirvo o bolo inglês. (Serve). As senhoras podem ter a certeza de que tudo aqui respire inocência, até o bolo inglês com o seu cheiro de banha por manteiga. (A James) Mr. James, tenha a bondade de embolar Mme. Venoi. (Vai servindo).

JAMES - Estar distraída por cativação; mas tem aqui um prato só. Mme. Venoi, nos come junto! come junto!

VENOI - Delicieuse; c'est la fraternité.

FELIPE - (Arrebatando o bolo que Fanny levava à boca). Amor ladrão!

FANNY (A Felipe) - Antes do bôlo já foi o coração.

LEOPOLDO (Abrindo champanhe.) - Eis a fonte de Baco!

JAMES - Eu quer caneca maior! (Toma-a) E pede brinde apaixonado! (Em pé e canta)

Come mme. Venoi

Outre beleza não há:

Francesa amarrou inglês.

Ip! Ip! Ip! Hurrah!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

(Todos) - Ip! Ip! Ip! Hurrah!

FELIPE - Viva o casamento incivil internacional!

JEANETTE - Senhor come bole inglês por tôda academia.

FABRÍCIO (A Jeanette) - Estou fazendo de conta que o bôlo inglês é você, Jeanette!

LEOPOLDO (Abrindo champanhe) - Estoure esta bomba! (Serve a todos e a Nini) Beba primeiro, e me deixe o resto. Ah! bebeu todo?

NINI (A Leopoldo) - O resto é muito feio: (Recebe o champanhe e oferece a Leopoldo).
Toute Pleine!

LEOPOLDO (Bebe pela mão de Nini) - Ah!... você me tontea muito mais do que champanhe,
Nini!

VENOI - Mr. James! o fogo que não se apague. (Bebe)

JAMES - Por certa! eu estar caída no vulcão de Mme. Venoi! Ip! Ip! Ip!

TODOS - Urrah!... (Bebem o sino dá horas)

FABRÍCIO - Acabou o bôlo inglês, e o sino está dando o sinal da partida: ao fogo!
(Levantam-se)

LEOPOLDO - Ainda há champanhe! o último brinde! Ao amor incendiário! (Abre
champanhe e serve)

AUGUSTO - Alto! reduzido a folião sem sócia na patuscada, tendo ao menos direito a fazer o
último brinde! eu vou saldar o amor universal: mas com solenidade representativa: Eu dirijo o
brinde, sou o homem, o rei da natureza, e recitarei o hino do amor universal acompanhado em
estribilho pelas vozes próprias dos animais irracionais que vós outros representareis. Atenção
bicharia!...

FABRÍCIO - Isto é pulha!... não admito!

JAMES - Ser original! eu quer. (A Felipe). Venoi é feia como mil diables... eu nom pode
mais! (A Augusto). Vamos, doutor Augusta!

AUGUSTO - James é sapo e Venoi é rã, batráquios; Leopoldo peru, e Nini galinhona;
galináceos; Fabrício resume as aves de rapina, é gavião; Jeanette, mimosa, quadrúpede, é
gata.

FELIPE - Eu e mlle. Fanny requeremos para ser um casal de pombos batedores.

AUGUSTO - Não; tu serás jacamim, e ela maitaca. Bicharia e ralé atendei do hino do amor
universal!...

RÉCITA - No mundo o sêres todos amam-se a modos mil,

O homem, a ave, o peixe, a bicharada e a flor:

Arteiro, estroina e cego o amor pinta o diabo

E as diabruras curvo o mundo é todo amor.

TODOS

(Cantam) -

Da ralé o bando -

A moreninha

Nós vamos saudando,
Amor aclamando (Bis)
Roncando, coaxando,
Piando, miando,
Pulando, rodando
Cantando, dançando.

(Rompe o côro desordenado de vozes dos diversos animais representados, e dança com a imitação dos movimentos próprios de cada animal)

AUGUSTO - Alto, bicharada!... (Recita) O amor domina os reis, nobreza, clero e povo.

Tem seu grande palácio dos doidos no hospital,

Ao sol traz as corujas exemplo Venoi

Viva, por tanto! Viva! o amor universal.

TODOS

(Cantam) -

Da ralé o bando

Nós vamos saudando etc...

(Repete-se tudo com ardor mais vivo.)

Fim do Prólogo

A moreninha

ATO I

cena 1ª

(Chácara em Paquetá: À esquerda e para o fundo dois degraus e porta de varanda que apenas se vê: À direita e à meia cena, gruta sob rochedo que se eleva, e continua para dentro: No interior da gruta caem gotas d'água em natural bacia de pedra, junto à qual há um copo de prata: Banco de relva, jardim, e ao fundo e longe o mar.)

CENA 1ª

(Ana, Carolina, Joana, Joaquina, Gabriela, Clementina, e senhoras. Augusto, Felipe, Leopoldo, Fabrício, James, a entrar e a sair, cavalheiros. Tem terminado o jantar, Augusto vem perseguido e em círculo)

Senhoras e Cavalheiros - (Cantam) -

Castigo! Castigo

Ao réu d'inconstâncias;

Castigo à jactância

De infido rigor!

Castigo ao volúvel

Que zomba de amor!

AUGUSTO - Eu peço a palavra para insistir em minha defesa!

FABRÍCIO - Não pode falar mais! as senhoras já o declararam fora da lei; está excomungado.

CAROLINA - Havendo proibição de falar, se fôsse comjgo, eu falaria tôda a tarde, e sem pedir copo d'água entraria pela noite...

ANA - Sr. Augusto, a Moreninha acaba de levantar-lhe a ex-comunhão: tem a palavra.

AUGUSTO - Ainda bem que o anjo da inocência me protegeu! Vou demonstrar que pela minha própria inconstância em amor, sou o mais fiel e puro, por que sou o mais conseqüente escravo de amor.

FABRÍCIO - Isto é pardoço revoltante e abominável!

ANA - À ordem, sr. Fabrício!

AUGUSTO - Se êle tornar a interromper-me, hei de confundi-lo, referindo certo caso de pescarias de pastéis de nata. (Olhando para Joana. - Fabrício perturba-se.)

FELIPE - Fabrício acuou! (Chega-se para Clementina, e Joana para Fabrício).

AUGUSTO - Quando vejo uma senhora bonita, amo-a logo; mas é claro que amo-a só e precisamente por que é bonita; portanto o que eu amo é a sua boniteza: ora, se imediatamente e ainda no mesmo lugar contemplo outra, mais dez ou vinte senhoras bonitas, como a primeira, é lógico, forçoso e natural que eu ame também essas por igual razão.

LEOPOLDO - É sofisma de calouro! (A Joaquina). Êste meu colega é meio doido.

JOAQUINA (A Leopoldo) - Doido não é êle: será indiscreto por descobrir os segredos da Confraria.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

AUGSTO (É interrompido por James.)

JAMES (Vem de casa de copo na mão). - Senhora don, Ana! Amigo velha há de volta aqui cinquenta anos fazer saúde de coração: Vive Sra. don'Ana!... (Bebe, depois volta para casa).

ANA - Obrigada, Mr. James. (Carolina em movimento).

JOANA (A Fabrício) - Pode dizer-me que pastéis de nata foram êsses?...

CAROLINA (Junto de Joana) - A prima Joanhinha quer saber a história dos pastéis de nata... (Vai para o outro lado).

JOANA - Eu não disse coisa alguma.

AUGUSTO - Prossigo ainda. A beleza se multiplica na variedade dos seus tipos: uma é pálida como as visões poéticas ao clarão da lua, outra loura como a aurora no céu; outra morena, filha do sol que abraza e das flores que respiram amor: esta sobressai pelo fulgor dos olhos negros, aquela pela graça da gentileza, aquel'outra pelo colo de alabastro: juro que em cada qual há encantos adoráveis que a preferência dada a uma fôra injustiça feita às outras, e portanto amo, e me desvaneço de amar a tôdas!

JAMES (Rindo) - Senhore don'Ana! amigo velha vem fazer saúde de boníssima future de doutor Felipe! vive doutor Felipe! (Bebe)

ANA - Obrigada, Mr. James. (Vai-se James).

GABRIELA (A Joaquina) - É pena, dona Quinquina! Um môço tão bonito bandoleiro assim!... (Beliscão).

FELIPE - Ai!... minha avó, Carolina está intolerável!... é o terceiro beliscão que me dá!...

CAROLINA - Foi dona Clementina que me pediu para beliscá-lo: Felipe não a deixa ouvir o discurso do Sr. Augusto.

ANA - O acusado defendeu-se: seja agora setenciado. A juiza deve ser a Moreninha que lhe deu o recurso da palavra. (Carolina quer fugir.)

TODOS - Sim! a Moreninha! a Moreninha!... (Cercam Carolina e a obrigam a tomar posição no centro sôbre um banco.)

CAROLINA - Ah!... pois bem. (Pensa.) Preciso ouvir testemunhas da acusação. O Sr. Augusto ama a tôdas as moças bonitas; portanto sendo amadas por êle, as bonitas são suspeitas e não podem ser testemunhas; chamo pois as feias para depor: quem é feia se apresente!... quem é feia?

FABRÍCIO - Minha senhora, o réu confessou o crime!

CAROLINA - Sr. Fabrício, eu chamei as feias, e não os feios, Bem; não há feias aqui, é claro; mas o Sr. Augusto disse que ama os olhos de uma, a gentileza de outra, e o colo de alabastro daquel'outra; portanto a tôdas mutila, e não ama a nenhuma inteira: que se apresente pois alguma em cuja pessoa o Sr. Augusto só tenha achado bonito um pedacinho...

GABRIELA - Está vivo que a Moreninha quer absolver!

CAROLINA - Se dona Gabriela está no caso, pode falar. Qual! nem ela, nem outras!... Não há testemunhas; mas visto que o Sr. Augusto ama pálidas visões ao clarão da lua, uma aurora que êle fêz loura no céu, e uma filha do sol e das flores que saiu morena, condeno-o pelo crime de inconstantes amores... à pena de almoçar com a aurora no céu, de jantar com o sol e as flores, de ceiar com as visões na lua, e para que haja uma hipótese de indigestão, ainda o condeno a merendar na terra pastéis de nata com o Sr. Fabrício. (Salta do banco)

A moreninha

VOZES - Bravo!... bravo!... (Carolina que tem fungido volta logo.)

FELIPE - A Moreninha absolveu o bandoleiro; eu porém vou aturdi-lo e castigá-lo. (Indo à porta) Tragam champanhe!...

JAMES (Rindo) - Criminosa esquecimento!Sra. don'Ane! Viva Moreninha, (Bebe) que ache noive honrade, rico e bonite!... Viva Moreninha!...

ANA - Sempre obrigada, Mr. James. (James quer ir-se)

FELIPE - Mr. James, temos um copo de champanhe a beber!

JAMES - Firme! estar pronto!... (Os criados trazem bandejas, etc...)

FELIPE - Cada um de nós saudará ao único e exclusivo objeto do seu amor, pronunciando a inicial do seu primeiro nome: o brinde é singular!... desafio Augusto a fazê-lo!...

AUGUSTO - Com efeito ser-me-ia bem difícil!...

CAROLINA - Ao contrário! verá que lhe há de ser fácil.

FELIPE - C'... (Bebe)

LEOPOLDO - Y'... (Bebe)

FABRÍCIO - J'... (Bebe) (Outros Cavalheiros pronunciam iniciais e bebem)

JAMES - (Sempre a encher o copo) " A ... (Bebe) B' (Bebe) C'... (Bebe) D'... (Bebe)

FELIPE - Mr. James, isso não pode ser; isso é plural!...

JAMES - Non! eu bebo um amor singular de cada vez. É! (Bebe)

ANA - Basta, Mr. James!...

JAMES - Oh! eu vai continuar brinde de amores lá dentro. (Vai-se)

CAROLINA (Oferecendo-lhe um copo) - Sr. Augusto, é a sua vez!...

AUGUSTO - Ah, minha Senhora, eu não tenho o privilégio de Mr. James.

CAROLINA - Exigem o singular; uma coleção o satisfaz: beba ao alfabeto inteiro!... beberá desde o A até o Z.

AUGUSTO (Recebendo a taça) - A mais formosa protetora o manda, eu obedeco: não saudarei a todo o alfabeto; há nele porém uma letra que na geometria representa a incógnita é o X: eu bebo ao X.

GABRIELA (E outras) - Uma incógnita!...

FELIPE - Eu denuncio o X do bandoleiro: Augusto cultiva a lembrança de algum amor misterioso, que só deixa transpirar em massante romance que canta cem vêzes por dia!...

ANA - Sr. Augusto, diga o seu romance!

AUGUSTO - Não me farei rogar. (Canta) (Carolina escuta curiosa, e como impressionada, repara muito em Augusto)

Bela visão do passado

Que na minh'alma ficou!...

Imagem de anjo mimoso

Que mais nunca me deixou!

Tenho fé qu'inda na vida
Deus me dará meu encanto
Aquêlê amor que amei tanto.
Num dia só que brilhou:
Bela visão do passado
Que na minh'alma ficou!

VOZES - Muito bem! muito bem!

GABRIELA - E o nome da visão do passado?...

AUGUSTO - Está incluído no valor do X.

GABRIELA - Portanto o Sr. ama extremoso e constante...

AUGUSTO - À V. Excia. sem a menor dúvida, e a outras senhoras também, forçosamente; porque são tôdas tão formosas...

GABRIELA - (Voltando-se) Ora...

ANA - Liberdade ao Sr. Augusto... passemos pelo jardim...

AUGUSTO - (Os cavalheiros dão os braços às sras.) - Minha senhora! (A Carolina)

CAROLINA (Finge aceitar o braço) - Com o maior prazer... mas... não devo: dona Gabriela o reclama... veja! (Augusto volta-se: Carolina vai-se correndo).

AUGUSTO (Rindo-se ao ver-se iludido) - Ah!

ANA (Tomando o braço de Ana) - Eu ralharei com a travêssa que o enganou.

TODOS (Cantam saindo) -

A tarde é serena,

É bela e amena,

(No meio das flores) -

Gozemô-la já;

Que logo mais

Ardente, festiva

Em ledos fulgores

A noite será! (Vão-se)

A moreninha

cena 2ª

(Carolina sai da gruta, observa em tórno, senta-se pensativa e depois começa a repetir baixinho e docemente o romance de Augusto.)

CAROLINA -

Bela visão do passado

Que na minh'alma ficou!

Imagem de anjo mimoso

Que mais nunca...

(Levanta-se) Doida estou!...

RECITA -

A moreninha da ledice o gênio,

Travêssa e linda, borboleta e flor

Aura que voa, graça que enfeitiça,

Sorri à vida na insenção do amor.

É como a aurora, porque a luz mais dôce

No céu da face pura lhe radia.

Não fôra Aurora, flor e borboleta

Se ela não fosse o gênio da alegria

E quando ansioso... súbito cuidado...

Sonho... ilusão... a alma lhe nevoa...

A moreninha , é colibri medroso.

Estende as asas, foge ao sonho, voa (Vai-se correndo)

cena 3ª

(Ana e Augusto, como a continuar conversação)

AUGUSTO - Mas eu não hesito em confiar a V. Excia. o segredo inocente que tenho sempre negado a estudantes que de tudo riem.

ANA - Confessei-me curiosa. Sentemo-nos. (Sentam-se)

AUGUSTO - Eu tinha 15 anos, quando um dia a mais linda menina, que não podia ter mais que oito; estava a borda do mar, cobiçava linda concha, e temia-se das ondas, de súbito correu para ela, escorregou, caiu, levantou-se rápida, gritando assustada! - "ah!... eu ia morrer afogada!..." e no mesmo instante exclamou a rir: "eu caí! eu caí!" e logo entristecida murmurou em desconsôlo: "uma concha tão linda!..."

ANA - Acaba de retratar-me uma criança.

(Carolina à entrada da gruta, escuta e esconde-se).

AUGUSTO - Apanhei, dei-lhe a concha e, logo camaradas, nos lançamos a correr pela praia; de repente ela estacou; e olhando-me com seus belos olhos negros, perguntou-me; "sou bonita ou feia?..." respondi-lhe, enlevado, - tão bonita!... ela sorriu-se e disse-me:" quando formos grandes o Sr. se casará comigo; quer?" ..."oh! sim!...sim!..." tornei-lhe eu, e o lindo anjo correu jubiloso!...

ANA - Amor de meninos! e depois? (Carolina observa da gruta).

AUGUSTO - Quase logo vimos à porta de pobre casa um menino a bradar, chorando: "meu pai está morrendo!..." Voamos ambos para o teto humilde! Oh!... uma velha soluçava, abraçando dois netinhos quase em nudez ao pé do filho a morrer! em face da miséria e da agonia, a menina inspirada pela caridade tirou do peito um alfinete de esmeralda, eu a imitá-la arranquei da camisa um botão de camafeu, demô-los... o infeliz doente perguntou balbuciante: "quem sois?" o anjo respondeu infantilmente: "somos dois camaradas, que havemos de casar-nos, quando formos grandes." (Carolina retira-se comovida.)

ANA - Isto começa a afigurar-se romance!...

AUGUSTO - "Deus o permitirá!" murmurou o infeliz, abençoando-nos, e por sua ordem a velha tirou de uma caixa descoseu, abriu dois breves, um branco e outro verde...

ANA - Dois breves?... e que mais?...

AUGUSTO - Encerrou no verde o camafeu, no branco a esmeralda, e logo aquele homem que ia morrer, fêz grande esforço, deu o breve do camafeu à menina, a mim o da esmeralda e disse com voz solene: "guardem-nos e esperem a bênção de Deus!"... e fechando os olhos, balbuciou a custo: "a esmola de seus pais para a velha e para os órfãos..."

ANA (Comovida) - E depois?... e depois?...

AUGUSTO - Saimos a correr cada um do seu lado para nossas casas; mas já de longe ainda nos voltamos um para o outro, e mostrando nossos breves, dissemos a um tempo: "para sempre!..." (Foge Carolina)

ANA - E o pobre doente?...

AUGUSTO - A mãe da menina lhe mandara logo bolsa cheia de ouro: meu pai chegou comigo pouco depois: encontramos um cadáver, e só a velha e os órfãos para socorrer.

A moreninha

ANA - Infelizes! (Silêncio). mas... a menina de oito anos?...

AUGUSTO - Não tornei mais a vê-la! é a minha visão do passado.

ANA - Ao menos o seu nome...

AUGUSTO - Não lh'o perguntei, nem ela m'o disse.

ANA - Em suma... foi amor de crianças...

AUGUSTO - Que guardei no coração com a imagem mais linda e graciosa... oh!
(Voltando-se) (Carolina foge de todo).

ANA - Que é?

AUGUSTO - Pareceu-me ouvir passos... do lado da gruta... (Em pé)

ANA - Talvez algum indiscreto... veja! (Augusto observa a gruta).

AUGUSTO - Ninguém! (Avança para cena.) ninguém! oh! lá vejo sua bela neta imóvel e pensativa junto à estátua da esperança.

ANA - É singular!... a Moreninha quieta e pensativa!

AUGUSTO - Agora esquiva-se ligeira, e vêm chegando as duas sobrinhas de V. Excia.

ANA - Para interromper-nos: eu voltarei a procurá-lo: desejo ouvi-lo ainda. (Entra em casa: Augusto vai-se pelo fundo.)

cena 4^a

(Joana e Joaquina)

JOAQUINA - Que aconteceu, mana? Você está aflita...

JOANA - Menos essa: aflita, não; desapontada, sim: o primo Felipe e dona Clementina vão casar-se em breve.

JOAQUINA - Deveras!... que demônio aquê!... eu não te dizia, que além de estudante êle era judeu?

JOANA - Mas ainda há 5 dias derrentendo-se em finezas, e a dizer-me coisas que deviam fazer-me esperar... ah!... e não poder vingar-me!...

JOAQUINA - Nem pensar nisso: nestes casos a gente faz rosto alegre e manda o coração procurar novos ares, e novos climas.

JOANA - É claro: também feitas as contas já estava paga: o que me despontou foi a surprêsa da notícia logo depois dos seus dez mil juramentos de amor há cinco dias.

JOAQUINA - Êle é capaz de repeti-los ainda amanhã.

JOANA - Oh, se é!... ao menos porém quero divertir-me, perturbando-lhe gozos desta festa.

JOAQUINA - Como?

JOANA - Conto contigo e ser-me-á fácil aproveitar a sonsidade de dona Gabriela. Tenho a idéia de inflamaro meu belo primo em ciúmes da sua noiva.

JOAQUINA - Mas de que modo?...

JOANA - Não sei ainda... vamos pensar.... deve ser intriga de bom gosto... reflète... imagina...

JOAQUINA - Agora é impossível. (Voltando-se) Dissimula, e ri.

JOANA - Ah! tenho um toleirão, que me pagará as culpas do nosso primo namorador. (Joana, Joaquina, Leopoldo e Fabrício.)

A moreninha

cena 5ª

Joana, Joaquina, Leopoldo e Fabrício.

LEOPOLDO - Presas por crime de deserção! (Oferecendo o braço a Joaquina)

JOAQUINA (Tomando o braço) - O Sr. sabe prender, eu o sinto; duvido porém que saiba prender-se... (Vão indo.) ou que se deixe prender... vamos...

LEOPOLDO - Pode ser que também o sol duvide que abraza. (Vão-se)

cena 6^a

(Joana, Fabrício, logo Carolina)

FABRÍCIO (Oferecendo o braço) - E V. Excia?... resiste à prisão?...

JOANA - Sem dúvida a sua modéstia julga isso impossível.

FABRÍCIO - Ah! eu apenas calculava com a bondade de V. Excia.

JOANA - A bondade perde-se, quando no coração se apaga a crença. O Sr. enganou-se comigo, ou antes fui eu que o enganei: não tenho os dotes que deslumbram a sua delicadeza: eu nem sei fabricar pastéis de nata! (Carolina chega-se pé por pé.) FABRÍCIO - Já expliquei por vezes essa zombaria; mas V. Excia. insiste em confundir-me de modo que me transtorna a razão!

CAROLINA- Ah, prima! não ponha doido o sr. Fabrício! (Entre os dois)

JOANA - Você jurou perseguir-me hoje? se procura rir-se à custa de alguém o Senhor Fabrício é mais divertido...

FABRÍCIO (Desapontado) - Que bonita rosa! (A Carolina). V. Excia. traz na mão o símbolo da beleza; por que a rosa é bela; mas espinha. (A Joana). Não é verdade, minha Senhora? (Joana volta-lhe o rosto.)

CAROLINA - O cumprimento vem espinhado no símbolo! (A Joana) Não se arrufe! (A Fabrício) O Sr. quer a rosa simbólica?

FABRÍCIO - Desejo-a por isso e pela mão mimosa que oferece.

JOANA (A FABRÍCIO) - Também a Moreninha?... (A Carolina) Dê-lhe a rosa, prima; êle faz coleções de flores...

CAROLINA - Dou-lh'a por ser o retrato da prima. (Dá a rosa).

FABRÍCIO (Carolina o faz espinhar-se) - Agradecido... ai!

JOANA - Que foi? algum espinho? o complemento do símbolo?...

FABRÍCIO - Nada: uma gota de sangue... mas a rosa é minha!

CAROLINA (Chega-se) - Espinhou-se? Feriu-se?... oh! rosa cruel!... eu te amaldição! (Com um riparote desfolha a rosa e foge)

JOANA - Muito bem feito! (Fabrício oferece-lhe o braço) - Obrigada... (recusando) Não me embalo com ilusões... peço-lhe que me esqueça... (Vai-se).

A moreninha

cena 7ª

(Fabrício desapontado e Augusto que entra rindo).

AUGUSTO - Que cara é essa, pasteleiro?...

FABRÍCIO - Cara em duplicata contraditória: puseste-me em vergonhosa derrota; mas creio que a Joaquina me passou carta de liberdade. Como vais tu de paixões românticas?...

AUGUSTO - Todos em flamas! a Joaquina me arrebatou, a Quinquina me encanta, dona Gabriela me cativa; certa ingênua que não fala, e tem covinha nas faces, uma outra de cabelos pretos, e de buço castanho e que me olha com raiva, e uma outra...

FABRÍCIO - Diabo! assim vão tôdas! e a Moreninha?

AUGUSTO - Problema a resolver! Quando cheguei aqui pareceu-me bonitinha, depois estouvada e impertinente. Durante o jantar achei-a espirituosa, no jardim feiticeira e linda!... há nela inocência de mistura com malícia, tonteamento com juízo, travessa com sensibilidade, graça sem artifício, beleza sem vaidade...

FABRÍCIO - Augusto! vais perder a aposta que fizeste com Felipe! apronta a comédia!... (Vai-se.)

AUGUSTO (Seguindo-o) - Se eu a escrevesse, dar-te-ia nela o papel que mereces.

cena 8ª

(Augusto e Ana, que sai de casa)

ANA - Deixe ir o seu amigo. Quero ainda importuná-lo. Ouvi com interêsse a história da sua incógnita, e reconheci o que pensava: a sua inconstância em amor é apenas fingimento.

AUGUSTO - Antes o fôsse! mas a minha inconstância é real, talvez devido a excesso de sensibilidade.

ANA - Repare que é uma velha, a quem está falando: eu já sei que o Sr. é amante apaixonado e fiel da sua noiva de oito anos de idade. (Carolina observa.)

AUGUSTO - Oh! se nessa doce lembrança do passado eu cultivasse em único e exclusivo amor, como poderia à semelhança do beija-flor que festeja tôdas as flores, render-me sucessivamente cativo a tantas belezas?...

ANA - São cultos efêmeros dos olhos, sem altar no coração.

AUGUSTO - Sim; esqueço facilmente tôdas elas e nunca a linda menina; mas porque hei de ser beija-flor?... V. Excia ri?...

ANA - De uma idéia que me acudiu. (Carolina desaparece) Nos versos que lhe ouvimos luz a esperança de encontrar ainda a sua camarada: Se assim acontecesse como se haveria com a inconstância a transviá-lo e com o seu breve branco a prendê-lo a bela visão do passado?...

AUGUSTO - Confesso que não sei o breve que contém a esmeralda é de fato e de direito talismã de constância que trago sempre comigo... está aqui: (Mostra o peito) mas para com as senhoras não serei de direito: mas sou de fato, como o botânico com as plantas; acho em tôdas encantos adoráveis. Beija-flor no caso!

VOZES (Cantam dentro) -

O tipo da inconstância

Escravo está de amor!

Caiu da Moreninha

No laço encantador.

ANA - Que será isto?... (Augusto dá alguns passos e observa.)

AUGUSTO - Oh! é sua interessante neta que trás preso um beija-flor.

ANA - Um beija-flor?...

A moreninha

cena 9ª

Augusto, Ana, Joana, Joaquina, Gabriela, Clementina e senhoras. Felipe, Fabrício, Leopoldo, cavalheiros e Carolina que tráz, na mão um beija-flor. Todos a cercam.)

CAROLINA (Recita) -

Embora a glória me invejando tôdas

Ansiem, ardam no anelar ativo;

Não dou, não cedo o beija-flor mimoso,

Que à moreninha se rendeu cativo:

CÔRO DAS SENHORAS -

A causa é de nós tôdas,

E da beleza e amor;

A tôdas nós compete

Ter preso o beija-flor.

CAROLINA (Falado) - Veja, minha avó, como é formoso!... (Mostrando) vejam só... está preso... manso... e quietinho!...

ANA - Eu tinha-te proibido tocar no ninho dos beija-flores!... solta êsse lindo e inocente passarinho!...

CAROLINA (Recita) -

Não fui buscá-lo; se entregou rendido;

Viu-me entre as flôres, e enleiado veio...

Sorri-me ledado; e a sedução do riso

Pousou-me ao ombro, e me caiu no seio.

CÔRO DAS SENHORAS -

O tipo da inconstância

Escravo está de amor

Não solte, não, não solte

Não solte o beija-flor.

CAROLINA (Recita) -

Soltá-lo posso, meu encanto o inflama;

Do prado as flores voe a festejar;

É meu cativo, o cativo adora:

Soltá-lo posso; que há de a mim voltar!

(Soltá-lo o Beija-flor.)

SENHORAS - Ah!...

AUGUSTO (A Fabrício) - Pasteleiro! isto não te faz palpitar o coração?...

FABRÍCIO (A Augusto) - Apronta a comédia.

GABRIELA - E foi-se o beija-flor! mas a propósito! o Sr. Augusto, até agora eclipsado, e por onde floribeijava?...

ANA - Mártir do ressentimento das Senhoras, êle teve de sacrificar-se à garrulice de uma velha.

AUGUSTO - Perdão! fui eu somente o paroleiro enfadonho e a prova do muito que falei é a sede que me devora: peço licença para beber um copo d'água desta atrativa fonte. (Entra na gruta)

FELIPE (Vendo Augusto beber) - Estás enfeitiçado, Augusto!

ANA - Bebeu lágrimas de amor, essa fonte é encantada!...

AUGUSTO - Enfeitiçado já eu estava!... como ficarei agora?...

LEOPOLDO (A Joaquina) - V. Excia. deve estar com sede... quer um copo d'água?...

JOAQUINA (A Leopoldo) - Não senhor, tenho medo de moléstias do coração.

ANA - Eu lhes conto a tradição desta fonte. Dizem que no tempo do domínio dos índios habitava com seus pais nesta ilha uma linda caboclinha de nome Coema, a qual amava Jonassu, garboso cabloco que de costume vinha caçar na ilha e pescar perto de suas praias, descansando depois naquela gruta, sem que uma vez ao menos olhasse para a infeliz que em pé sôbre o rochedo o esperava sempre.

GABRIELA - Coitadinha! Jonassu ainda era pior do que o Sr. Augusto.

ANA - Enquanto êle repousava; a amorosa índia cantava e se desfazia em lágrimas, e o ingrato nem ouvia o magoado soluçar nem o canto apaixonado; mas as lágrimas e as harmonias chegaram a traspasar o rochedo; e um dia tocou terna harmonia o ouvido de Jonassu, que murmurou comovido: "encanto"!... logo após caiu-lhe sôbre os coração uma lágrima, e êle exclamou suspirando: "amor!..." e levantou-se, correu para fora da gruta, viu Coema e amou-a!... (Carolina se retira.)

LEOPOLDO - Pudera!... a caboclinha aperfeiçoara a afinação do canto e destilação das lágrimas!

ANA - Coema viveu ditosa; mas ficaram encantadas no rochedo as suas harmonias que dizem ouvir-se às vêzes, e suas lágrimas que caem gota a gota ainda hoje, tendo duas virtudes ou condições perigosas; pois quem bebe daquela água; adivinha os segredos de amor das pessoas presentes, e, o que é mais grave, fica para sempre escravo de um só e perpétuo amor.

AUGUSTO - A primeira virtude é positiva: as Senhoras mal pensam quantos dos seus segredos já eu sei!

JOAQUINA - E que nos diz da segunda?... do amor único e perpétuo?...

AUGUSTO - Ainda ponho em dúvida o encanto: creio que para influência desse amor milagre seria preciso além de beber as lágrimas, ouvir o canto de Coema.

ANA - Cuidado!... a tradição o conserva, é uma balada... e...

GABRIELA - Ah!... se a caboclinha ressuscitasse!...

AUGUSTO - Quisera ouvi-la cantar do alto do rochedo! então sim!...

CAROLINA (Do alto do rochedo canta) -

A moreninha

Aqui venho chorar!...

VOZES -

Ei-la!... (Voltam-se todos.)

AUGUSTO - Ah!... ah!...

CAROLINA (Canta) -

Eu tenho 15 anos

Eu sou morena e linda;

Mas amo e não amada

Sou tôda amor ainda,

E por tão triste amor

Aqui venho chorar.

Aquêle que eu adoro,

É qual rio que corre

Sem ver a flor amante

Que à margem pende e morre;

E eu sou a pobre flor

Que vai morrer de amor.

Ingrato! ingrato, foge!...

E aqui não tornes mais;

Ou sempre que tornares

Terás de ouvir meus áis,

Que por tão triste amor

Aqui venho chorar. (Carolina desce do rochedo correndo.)

Todos - Bravo!... bravo!... (Movimento geral)

AUGUSTO - Eu creio nos encantos de de Coema!...

FIM DO 1° ATO

ATO II

cena 1ª

(Sala que ao f. abre portas para varanda de colunas, além da qual se avista o jardim iluminado. Portas laterais de salas interiores e de comunicação da casa. Móvel elegante, piano, mesas, sobre uma destas, livro de sortes e dados. É noite. A casa acha-se iluminada, e há sempre no jardim ruído festivo.) (Principia com o cântico "Viva Sant'Ana")

CENA 1ª

(Joana, Joaquina e Gabriela, que entra)

JOAQUINA - Isso é trivial...

JOANA - Portanto mais verossímil. (Sentam-se)

JOAQUINA - Não pode ter conseqüências.

JOANA - Melhor: será intriga inocente; não quero ferir, basta-me arranhar.

GABRIELA (Entrando) - Abandonaram o campo? D. Clementina está em pleno uso e domínio do braço do Sr. Felipe, e a Moreninha perilampadeja traquinando, mas perseguindo sempre especialmente o môço dos pastéis de nata.

JOANA - Tomo nota. E o bandoleiro?

GABRIELA - Coitado! D. Violante ainda não o largou!

JOAQUINA - Nem o larga! é caso de se requerer habeas-corpus: - D. Violante é velha e tem natureza de Carrapato.

GABRIELA - Mas o bandoleiro deixa-a falar e não tira os olhos da Moreninha. Creio que Jonassu rendeu-se à Caboclinha.

JOANA - É o monopólio da família. (Em pé) Estar-se representando aqui uma Comédia, na qual temos a honra de desempenhar os papéis de comparsas. Por exemplo: D. Gabriela é muito mais bonita do que a Moreninha; mas não tem como ela o dom de agradar ao Sr. Augusto, e serve de troféu a feliz vencedora.

JOAQUINA - Joanhinha! (Começa-se a perceber o clarão da fogueira).

GABRIELA - Que quer dizer?...

JOANA - Nada: acendem a fogueira... vamos brincar. (Querem ir-se).

cena 2ª

(Joana, Joaquina, Gabriela, Felipe e três cavaleiros que se sentam a jogar. Logo depois Carolina com uma rodinha acesa a perseguir Fabrício. Senhoras que entram e saem, Ana que logo se retira. Augusto que traz pelo braço violante.)

FELIPE - Parceiro só até que chegue de volta o Capitão Fábio. (Sentam-se) Hoje não jogo; pertencço todo as Sras. (Começa o jôgo do Voltarete. Joana conversa com Gabriela).

JOAQUINA (Chegando-se) - E não tem aí quatro damas?

FELIPE - Estas fazem apenas perder dinheiro; prefiro aquelas que fazem perder o coração.

GABRIELA (A Joaquina) - Isso nos divertiria muito! Mas o meio?

CÔRO (Dentro) -

Viva Sant'Ana!

Ferva a alegria!

No céu há festa;

Que é santo o dia!

Ferva alegria

Viva Sant'Ana.

FABRÍCIO (A fugir de Carolina) - Perdão! é quase crime fugir de V. Excia, mas neste caso eu cedo ao instinto de conservação.

ANA - Carolina! Carolina!

CAROLINA (Parando) - O culpado foi êle! Chamou-me bela incendiária e naturalmente eu quis experimentar se o incendiava...

ANA - Sr. Fabrício, desculpe esta menina travêssa.

JOANA (A Fabrício) - Eu pensava que o sr. era incombustível como o amianto. (Augusto entra com Violante)

FABRÍCIO (A Joana) - Ao contrário... queimam-me sem piedade!

CAROLINA (Chegando-se à mesa do fogo) - Ah! os Srs. têm bom gôsto! jogam em noite de fogueira! (Fica olhando)

GABRIELA - Boa noite, Sr. Augusto! Viu o balão?

AUGUSTO - Ah! e imaginei-me feliz, se tivesse subido nêle!

VIOLANTE - Porque? Preferia o balão à minha companhia?

AUGUSTO - Dei apenas uma resposta aérea, no sentido da pergunta nebulosa.

VIOLANTE - Com efeito, a pergunta foi aerostática! As môças dêste tempo não sabem conversar com espírito.

AUGUSTO - Mas (Abrindo o relógio) há duas horas que eu abuso da bondade de V. Excia... Eis uma cadeira...

VOLANTE - Não, eu me prendo à sua conversação; vamos antes passear no jardim...

AUGUSTO - O orvalho pode fazer-lhe mal... perdão! as flores amam o orvalho.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

A moreninha

VIOLANTE - Lisonjeiro! e quer que o o deixe! vamos orvalhar-nos.

FELIPE (A Augusto, que passa) - Adeus, ditoso Augusto!

AUGUSTO - Adeus, perverso! (Vai-se com Violante)

JOAQUINA (A Gabriela) - É caso de habeas-corpus, ou não?

GABRIELA (A Joaquina) - Deixemos por hora o bandoleiro na penitenciária. (A Joana) Convenho na intriga, mas somente como zombaria inocente...

JOANA - Está claro... (Conversam)

CAROLINA - Como se chama êste jôgo?

FELIPE - Voltarete.

CAROLINA - Qual é a carta maior?

FELIPE (Mostrando) - Esta, a espadinha, que mata a manilha, e basto e a tôdas.

CAROLINA - Pois ela mata?

FELIPE - Mata a manilha e a tôdas. (Carolina arrebatada a espadilha)

CAROLINA - Assassina! fogueira com ela! (Vai-se correndo)

FELIPE (Levantando-se) - Não há jôgo possível, mas desta vez a travêssa tem razão.

JAOANA (A Gabriela) - Aqui não temos liberdade, vamos para a sala das sras. (Vai-se com Gabriela: Entram a e)

VOZES (Dentro) - Viva Sant'Ana! (Foguetes, bombas)

FELIPE (Aos cavalheiros) - Vamos aplaudir a fogueira! Prima Quinquina, quer o meu braço?

cena 3^a

(Joaquina, Felipe, Joana e Gabriela assentadas. Ana, Carolina, Leopoldo, Fabrício, Clementina, Augusto, Violante que não o larga. - Senhoras, cavalheiros, e logo depois James)

JOANA - Estão roncando na sala particular das Snras.!

GABRIELA - É homem que ronca ou fera que ruge!

FELIPE - Oh! um homem lá!... eu vou...

ANA - Não é possível... quero ver... (Entra Felipe, segue-a)

CAROLINA - Como foi que nenhuma das medrosas desmaiou? Aposto que não é coisa de cuidado? (Felipe sai rindo-se)

ANA (De volta) Perdoem! Mr. James excedeu-se hoje um pouco no jantar, e errando a porta de seu quarto, foi dormir na sala das Snras.! êle não estava em si...

FELIPE - Mas agora cumpre a despertá-lo a fogo rolante! Venham cartas de bichas e estalos! (Sai Leopoldo) As Snras. não entram no jôgo, mas gritam consternadas. (A Violante) Precisamos de Augusto, D. Violante... por 2 minutos só...

VIOLANTE - Ai! não posso deixá-lo!... eu sou muito nervosa!

LEOPOLDO (De volta) - Eis as munições de guerra!... (Traz cartas de bichas)

FELIPE - Ao fogo rolante! (Atacam bichas à porta de E.)

CAVALHEIROS (Cantam, imitam caixas de guerra trombetas) -

Fogo a porfia!

Artilharia!

Pom! pom! pom! pom!

Fogo a porfia!

Fuzilaria!

Rom! rom! rom! rom!

Fogo! Fogo!

Pom! pom! pom! pom!

Rom! rom! rom! rom!

SENHORAS (Cantam ao mesmo tempo.) -

Misericórdia!

Ai! ai! que horror!

Ai que furor!

Misericórdia!

Ai! ai! ai! ai!

Misericórdia! (Bichas e estalos sempre, durante o côro. Grande ruído.)

A moreninha

JAMES (À porta) -

Êste é batalha de Waterloo, mas eu ser duque de Wellington e vence vocês tôdas. Viva Sra. D. Ana!

VOZES (Dentro) - Viva Sant'Ana. (Foguetes)

CAROLINA - Mr. James, venha saltar a fogueira!

JAMES - Não salta foqueiras, mas ataque bombas!

FELIPE - Vamos pois a fogueira!... e tu, Augusto?... (Vão saindo.)

AUGUSTO - Não tardo, podes cantar comigo.

cena 4^a

(Augusto Violante)

VIOLANTE - Mas o Sr. não há de abandonar-me! lembre-se, quando fomos interrompidos, eu me referia...

AUGUSTO - A sua moléstia... já estou bem informado.

VIOLANTE - Depois hei de consultá-lo também sobre uma demanda que tenho; - agora porém, quero repetir-lhe por miudo os meus padecimentos.

AUGUSTO - Já os ouvi 3 vêzes; são crônicos. muito comuns nos homens e raramente confessados pelas Sras.

VIOLANTE - Ah! pois eu sofro moléstia masculina?... talvez se engane, vou começar de novo... (Foguetes e bombas dentro)

AUGUSTO - É inútil... sei tudo...

VIOLANTE - Atende bem: fui sempre muito sensível... penso que o mal está aqui... no coração... além disso...

AUGUSTO - Sim... tonteiras, palpitações, calafrios nos lombos... Claríssimo... evidente... V. Excia. sofre... dá licença?...

VIOLANTE - Ah! eu logo vi que o Sr. acertava com a minha moléstia. Então, que é que eu sofro?

AUGUSTO - Hemorróides, minha Sra.

VIOLANTE (Recuando) - Que é que diz?

AUGUSTO - Quanto ao tratamento...

VIOLANTE (Furiosa) - Outro ofício, menino! oh! não nasceu para médico! (Retirando-se, abana-se fortemente com o leque) (Augusto, Violante que se retira. Ana, Clementina)

ANA (A Violante) - Minha amiga, deixa o seu amável cavalheiro?

VIOLANTE - Vou gozar o fresco da noite. (A Ana) Êle não tem espírito... asseguro-lhe que é muito estúpido! (Vai-se)

ANA (A Augusto) - Ouvi o seu diagnóstico: perdô-lhe o recurso cruel, em atenção ao abuso de que era vítima.

AUGUSTO - Minha Sra. prêso há mais de duas horas, revoltei-me contra a ameaça de prisão perpétua.

ANA - Eu vinha libertá-lo trazendo para apresentar a D. Violante a minha... mas, Sr. Augusto dê agora o braço a D. Clementina, se quiser lhe confiar o segrêdo glorificador de amigo muito estimado seu. (Clementina aceita o braço de Augusto)

CLEMENTINA - Espero mostrar que ao contrário do que se increpa ao meu sexo sei guardar segredos.

AUGUSTO - Os homens são sempre muito mais indiscretos, e eu darei prova de indiscrição, atraçoando mimosa confiança de que Felipe me julgou digno.

CLEMENTINA (Abaixando os olhos) - Ah!

A moreninha

ANA - Já sabia? tanto melhor. (Foguetes e bombas dentro)

AUGUSTO - Falaremos mal de Felipe, minha Sra.; êle ousou abrir-me o coração que já era de V. Exa. É crime de estelionato... (Saindo) Clementina êle já está sentenciado... vai ficar prêso. (Vão-se)

cena 6ª

(Ana que sai logo, Joana e Gabriela).

JOANA - Titia, acuda a Mr. James!

ANA - Que lhe aconteceu? (Sempre rindo e fogo dentro)

JOANA - D. Violante harpoou-o!

ANA - Antes isso; mas ainda assim é caso grave! (Vai-se)

GABRIELA (Mostrando) - Olhe, é o botão de rosa que a Moreninha trazia no peito, caiu-lhe e eu apanhei-o. Serve?

JOANA - Ótimo! Vou já dá-lo ao Fabrício, e o obrigarei a trazê-lo ostentoso tôda a noite, como prenda recebida de mim. (Recebe o botão).

GABRIELA - Ah!... então êle... é deveras?

JOANA - Êle é padecente e eu deixo-o padecer!

GABRIELA - Já fiz mais: - Conversando com a Moreninha, pedi-lhe que não continuasse a brincar com o Fabrício, por que você estava ardendo em ciúmes...

JOANA - E ela?

VOZES (Dentro) - Viva Sant'Ana! (Foguetes)

GABRIELA - Desatou a rir, e brincou em dôbro.

JOANA - Excelente! você brilhou!

GABRIELA - Mas veja, não faça de mim tabela para carambolar no bandoleiro!

JOANA - Não, o bandoleiro fica-lhe entregue a discrição! Êle não trazia na casa da sôbre-casaca um raminho de violetas?

GABRIELA - Trazia, sim!

JOANA - Quinquina lh'o roubou no jardim: você logo que tiver ocasião, tome o braço do bandoleiro, finja-se jubilosa, e, deixando-o depois mostre no peito o raminho de violetas. Tome. (Dá-lhe as violetas).

GABRIELA (Recebendo) - Farei diabruras de môça, mas olhe que é só para concordar com você.

JOANA - Que vãos escrúpulos! Não vê que é jogo de flores? Venha, Quinquina nos espera. (Vão-se.)

A moreninha

cena 7ª

(James muito contrariado e Violante).

VIOLANTE - Descansemos aqui. Lá fora faz muito frio.

JAMES - Perto de fogueira está quente. Eu gosto.

VIOLANTE - Mas cai geada... prefiro esta sala. (Senta-se.)

JAMES - Acha justíssima. Sra. D. Violante, para não constipa fique na sala, e eu toma permissão de ir para fora. (Violante levanta-se e toma-lhe o braço.)

VIOLANTE - Em tal caso irei também: o Sr. merece todos os sacrifícios.

JAMES - Obrigade, mas eu quer ataca bombes!...

VIOLANTE - O Sr. atacará bombas, e me acenderá rodinhas.

JAMES - Obrigade! Obrigade!... Muito obrigade! (Vão-se.)

cena 8ª

(Joana e Joaquina)

JOAQUINA - Escuta depressa: conversando de propósito com aquelas duas môças muito feias que vieram da cidade, e fingindo não ver o primo Felipe que estava perto, disse e fi-las dizer mentiras que o desnortearam. Logo depois, D. Clementina deixou o braço de Augusto... já há arrufos entre os noivos. As duas feias da cidade, mordem como serra em madeira.

JOANA - Bem! e eu já furtei o lenço do bandoleiro, ei-lo! (Mostra-o.)

JOAQUINA - E como é chic!... Chic de mais para homem!... (Examinando)

JOANA - Hei de trocá-lo no primeiro enseja pelo de D. Clementina: êste leva as iniciais do nome do dono. É denunciador.

JOAQUINA - Mas olha que D. Gabriela está a namorar o Augusto de modo ridículo e desfrutável! E tão néscia, que antes de tempo já se pos com o raminho de violetas ao peito!

JOANA - Adiantou-se por néscia e presumida... pouco importa...

VOZES (Dentro) - Uma contradança!... Apoiado! Apoiado!....

JOAQUINA - Aí vêm todos... saiamos daqui!

JOANA - Ao contrário, fiquemos; somos duas inocentes.

A moreninha

cena 9ª

Ana, Clementina com Felipe, Augusto com Gabriela, Fabrício, Carolina, Leopoldo, James com Violante, Joana, Joaquina, senhoras e cavalheiros.)

FELIPE - Uma contradança! Pares! Pares!

JAMES - Eu toma conta de piano e toca contradance...

VIOLANTE - Menos essa! quero dançar e não prescindo do meu belo cavalheiro.

JAMES - Obrigade. (Com raiva)

JOANA - Perdão, D. Clementina! foi sem querer. (Faz-lhe cair o lenço, e ao apanhá-lo, troca-o pelo de Augusto.)

CLEMENTINA - Ora, D. Joantina! que bondade! (Recebe o lenço.)

JAMES - Ah! Dr. Felipe, que diable de destine!... lembra fogo de barraqueiros? eu estar como lá... (Forma-se a contradança. Leopoldo dança com Joaquina, Fabrício com Carolina, um cavalheiro ou uma sra. toca o piano.)

CAROLINA (A Fabrício) - Eu danço, mas há de ser de vis-á-vis com Mr. James.

JAMES - Moreninha, eu quer! fica consolade!...

VIOLANTE - Consolado de que?

JAMES - De não tocar piano... obrigade!

(Começa a contradança. Augusto repara no botão de rosa ao peito de Fabrício que Gabriela lh'o mostra. Carolina repara nas violetas que Gabriela tem ao peito, fica triste depois dança com ardor.)

JAMES (Na segunda marca) - Moreninha, non dance triste!...

CAROLINA - Eu triste? (Dança vivamente) Ora!...

VIOLANTE - Bravo, Mr. James! (James dança frenético. Violante o imita. Acaba a contradança, entram criados trazendo em bandejas caras e batatas. Os cavalheiros e sras. servem-se e vão saindo. Soam de novo os foguetes e os vivas dentro.)

JAMES - Senhora D. Violante, fique sentada comendo batates, e eu ataque bombes... obrigade!...

VIOLANTE - Não... não... eu comerei batatas passeiando: - a sua conversação cativa!

JAMES - Oh! mas eu jura que não tem mais nada para dizer!...

VIOLANTE - No jardim seremos inspirados pelas flores. (Levando-o)

JAMES - Eu já fiz protestaço de que non tem mais nada para dizerrr! (Sai pisando forte)

cena 10^a

(Fabrício que ficara a comer carás) (Carolina. Que entra)

CAROLINA - Ainda como batatas! (Reparando em Fabrício)

FABRÍCIO (Em pé) - Não, minha senhora, em meu caráter de estudante, tenho um horror às batatas. Eu comi um cará mimoso.

CAROLINA - Avisaram-me, duvidei; mas é verdade! Onde lhe veio êsse botão de rosa? eu o perdi; é porém meu.

FABRÍCIO - Uma só roseira pode conter tantos botões semelhantes, como o coração de Augusto contém amores diversos.

CAROLINA - Não lhe permito trazer êsse botão de rosa: restitua-m'o!

FABRÍCIO - Minha senhora, não ousando resistir a V. Exa., vou consultar sôbre o caso a pessoa a quem devo o botão letigioso! (Vai-se.)

A moreninha

cena 11ª

(Carolina que vai sentar-se ao piano. Felipe e Clementina que se retiram logo. James e Violante.)

CAROLINA (A Fabrício que sai) - Conte com a desforra!... Mas... que me importa! (Ao piano)

FELIPE - Que interêsse liga a êsse raminho de violetas?... Não acha que as predileções de Augusto a ocupam muito?

CLEMENTINA - Felipe, você se amofina e me incomoda sem razão, eu lh'o juro. (Carolina harpeja) Ah! repare que ela não ouça!

FELIPE - Sim... e também a Moreninha parece melancólica!... ah! ao menos tranqüilize a sra. o meu coração!... (Vão-se.)

VIOLANTE - E pretende voltar ainda a Inglaterra?

JAMES (Sem atender) - Sim.

VIOLANTE - Mas não é tão ingrato que lá se deixe ficar!...

JAMES - Non.

VIOLANTE - Ah! viagem de recreio! ai! ai! se eu pudesse viajar assim!

JAMES - Sim.

VIOLANTE - Concorda? O Sr. é solteiro ou viúvo?

JAMES - Non.

VIOLANTE - Entendo, é solteiro! e estimaria casar-se?...

JAMES - Sim.

VIOLANTE - Eu também Mr. James! o casamento é santo!

JAMES - Non.

VIOLANTE - Non o que?... e esta!

JAMES - Sim.

VIOLANTE - Ah! isso é outro caso!

JAMES - Non.

VIOLANTE - Mr. James! Mr. James!... que quer indicar?

JAMES - Eu indica que non tem mais nada para dizerrr.

VIOLANTE - Compreendo... é perturbação, que igualmente me acanha!

JAMES - Sra. Dne. Violante! eu quer permissão de ataca bombes!

VIOLANTE - É muito justo, vamos. o Sr. me acenderá rodinhas. (Vão-se.)

CAROLINA (Recita ao piano) -

Minha esperança que raiou tão linda

Nos sonhos d'alma em ilusão d'amor,

Murchou tão cedo, como ao vento gélido

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Descora e murcha na solidão a flor.

(Levanta-se e fala) - Ora! pois que murchasse!... que vale a flor que murchou?... (Triste depois de breve silêncio) flor que murchou!...

cena 12ª

(Carolina, Augusto)

AUGUSTO (Parando ao entrar) - Perdão! eu não sabia...

CAROLINA - Porque se soubesse... ah! Sr. Dr. Augusto!... Mas não se incomode... eu me retiro já... (Querendo sair.)

AUGUSTO - Outra vez perdão, minha Sra.! eu quis apenas indicar-me involuntário perturbador da meditação ou dos sonhos de V. Exa.

CAROLINA - Eu nunca medito, porque felizmente ainda não tenho juízo. Sonhar, sonho às vezes, mas somente quando estou dormindo.

AUGUSTO - E todavia V. Exa. sonhava acordada! ao vê-la, quando entrei, sem o querer, surpreendi-a sonhando... e desculpei-me, por que... perdão terceira vez... adivinhei-lhe o sonho...

CAROLINA - Adivinhou-o? Salvo a sua modéstia, o Dr. é bem perigoso!... Devassa a alma do seu próximo sem licença dêle. Mas com que sonhava eu? diga-me o que não sei... diga-o?

AUGUSTO - Sonho inocente... poético... sonho de coração virgem... sonho... quer que o diga?... V. Exa. sonhava com flores...

CAROLINA (Com surpresa) - Ah! murchas!... (Contém-se)

AUGUSTO - Oh! não!... viçosas... mas... suponhamô-lo, perdidas... e afortunadamente... achadas... isto é, não por V. Exa... por outrem...

CAROLINA (Em si e irônica) - Não o entendo... e me é indiferente entendê-lo... mas... pois que se trata de flores, e eu amo as flores, de que côr eram as do meu sonho?... eram azuis, como são... as violetas?

AUGUSTO - Não, minha senhora, nem eram flores... era um botão a arreentar do cálice verde com a purpúrea côr da aurora... um botão de rosa!

CAROLINA - Não creio no sonho que me enpresta para adivinhação: eu só vejo o sol côr de rosa ao nascente, quando me acordo com a aurora... fora disso vejo e sonho o céu sempre azul... azul... azul como as violetas!... O Dr. não soube adivinhar... mas até logo.. fique só e livre por sua vez... sonhe, sonhe... e até logo...

AUGUSTO - Tal e qual como as outras e como também eu!... é o meu sistema de inconstância em amor, levado porém à 5ª e esplêndida essência, vestido de fina saia, espartilhado, coberto de sedas e cantando em soprano, e por exceção em contralto!... Que ilusão, que desengano e castigo!... a mais bela das belas, a graça fascinadora, a Moreninha, a Moreninha em fim, é como as outras, é como eu!... Oh! que desencanto!... que noite escura na minha vida agora!

cena 13ª

(Augusto, Ana, e logo depois, Joana, Joaquina, Gabriela, Clementina, Carolina, Violante, Senhoras, James, Felipe, Fabrício, Leopoldo, Cavalheiros.)

ANA - Que fazia tão só aqui?... repetia o seu romance da visão do passado?

AUGUSTO - Não, minha senhora, estava imaginando e compondo o hino da inconstância do amor; mas esta noite é de festa... avivemos a alegria!... (À porta do F.) Vamos tirar sortes!

ANA - Lembra bem! (À porta) Vamos tirar sortes! (Entram todos)

VIOLANTE (A James) - O Sr. tem de explicar-me o seu tremendo-sim-, dado em resposta à hipótese de eu me prestar a contrair segundas núpcias.

JAMES - Mas eu non tem mais nada para dizerrr!...

AUGUSTO (Com o livro de sortes) - Se alcançará o que deseja!

JOANA - Eu. (Lança os dados)

AUGUSTO - Nove! mau número! (Lê)

Um namorado glutão

Ao teu desejo é traidor;

Porque prefere pastéis

A glória do teu amor!

VOZES - Bravo! Bravo! (Movimento e zumbaias)

AUGUSTO - Se casará ou não!

VIOLANTE - Quero expôr-me: tenho razões incandescentes. (Deita os dados)

AUGUSTO - Três! é número fatídico! (Lê)

Depressa! prepara a festa,

Pois vai casar outra vez...

Saiu-te noivo ao pintar

Belo, rico velho inglês!

VOZES - Parabéns! parabéns! (Violante jubilosa)

JAMES - Non creia! Dr. Augusta estar fazendo estralade de estudante! (Fabrício vai observar Augusto)

VIOLANTE - A sorte saiu de harmonia com o que o sr. me disse há pouco.

AUGUSTO - Qual dos presentes lhe é muito amante!

ANA - Carolina, deita os dados! (Carolina obedece indiferente.)

AUGUSTO - Dezoito! o número mais alto! (Lê)

Todos amam-te à porfia,

Um sem porfia e sem fé,

E êsse o que mais te adora

A moreninha

E tu bem sabes quem é.

VOZES - Muito bem! Muito bem! (Fabrício arrebatou o livro das sortes)

FABRÍCIO - Augusto falsifica as sortes!... não lê, improvisa!... Eis o livro, vejam! há dolo e falsidade!

VOZES - Oh! (Vão todos ver. Augusto recua) Oh!

ANA (A Augusto) - Muito bem, Sr. Augusto!

AUGUSTO (A Ana) - Mas agora, apanhado em flagrante delito, eu fujo! (Vai-se)

FABRÍCIO - Prenda-se o falsário!

ANA - É tarde! já fugiu!

TODOS - Um cerco! um cerco! (Saem correndo)

JAMES - Jura que há de agarrar no falsário... eu vou!

VIOLANTE (Contendo James pelo braço) - Não consinto! Não quero que se exponha a deligência perigosa!

JAMES - Eu quero ir! (Violante avança com ele segurando-lhe o braço) Eu não quero mais ir!... (Violante volta com ele) Oh! Senhora Don Anne! eu não tenho mais nada para dizer a Sra. D. Violante!

VIOLANTE - Não o creia, minha amiga! ele encanta com o seu espírito!

ANA - Mas deixe-o por um pouco, eu tenho uma confiança de amizade a fazer-lhe.

LEOPOLDO - Augusto vai saltar a fogueira.

VOZES (Dentro) - Não salte! não! não! ah! (Ana corre à porta, James quer ir, Violante detém-no) Caiu! ah! (Grito geral de angústia)

cena 14^a

(Ana, Violante, James, Augusto que entra correndo, Carolina, logo após e consternada. Gabriela, Joana, Joaquina, Clementina, sras., Felipe, Leopoldo, Fabrício, Cavalheiros, gente curiosa: Susto geral. Todos cercam Augusto)

CAROLINA (Em pranto) - Queimou-se? (Tomando as mãos de Augusto) queimou-se?... (Em prantos) queimou-se?...

AUGUSTO (Jubiloso) - Abençoado salto infeliz!

CAROLINA (Com aflição) - Mas queimou-se?

AUGUSTO - Oh! não! medi mal o salto, mas prestes escapei à fogueira, saindo são... incólume...

CAROLINA (Rindo e chorando) - Graças a Deus!

ANA - Mas que horrível perigo! Proíbo saltos de fogueira! (Vão se afastando de Augusto)

VIOLANTE (Deixando o braço de James) - Que horror! ai! muito nervosa! sensível... ai! Mr. James! Sustenha-me... eu desfaleço... ah! (Como a desmaiar.)

JAMES - Acudam ela! (Arredando-se) Eu aproveita desmaio... viva liberdade!

VIOLANTE - Oh! êste excesso de barbaridade me reanima!... (Avança) O Sr. não podia deixar-me, quando eu estava a desmaiar nos seus braços! (Avançando) não podia!

JAMES (Recuando sempre) - Viva liberdade! Viva liberdade!

MUITAS VOZES - Bravo! bravo!

VIOLANTE - Tem que dar-me satisfação do seu procedimento!... (Perseguição e fuga) (Cada vez mais ativas por entre os circunstantes)

JAMES - Viva liberdade! (O mesmo)

VIOLANTE (O mesmo) - Há de dar-me satisfação!...

JAMES - Viva liberdade! (Sai correndo. Violante o segue, saindo também pelo F.)

VOZES - Bravo! Bravo! (Movimento: Sras. e cavalheiros vão até a porta do F., outros saem. Enquanto se ocupam todos do que se passa entre Violante e James, Augusto e Carolina, indiferentes, se mostram a tudo. Augusto, contempla em êxtase. Carolina que ainda comovida, ora o olha, ora se enleia e baixa os olhos. Ana à distância observa os dois.)

FIM DO SEGUNDO ATO

A moreninha

ATO III

cena 1ª

(Sala de toucador: porta à direita, outra ao fundo: duas janelas à esquerda; abrindo para o jardim. Grande toucador que chega ao chão; um outro menor sôbre adequada mesa cheia de vidros de essências, de caixinhas de pós. Leito com o cortinado aberto. sofá, cadeiras, ornamentos.)

CENA 1ª

(Ana, Felipe e Augusto)

ANA - Ninguém se lembrará de procurá-los na sala do toilette das senhoras. Aqui somente poderão entender-se em liberdade.

AUGUSTO - V. Exa. domina sôbre mim pela confiança com que me honra; mas Felipe ofendeu-me, duvidando da minha lealdade.

ANA - Ah! Snr. Augusto! pretendo disputar a um noivo o privilégio de mostrar-se tolo?

FELIPE - Minha avó já me confundiu bastante, caí ridiculamente em maligno ardil; como porém Augusto insiste em queixar-se de mim, vou confundi-lo também. Que é do lenço que trazias ontem?

AUGUSTO - Ainda o tenho comigo, nem dêle me servi.

FELIPE - Ainda o tens?... assevero que não!...

AUGUSTO - Essa é boa!...eí-lo! (Mostra-o) Oh! não é o meu!...

FELIPE - Minha avó, eis o lenço de D. Clementina!... Augusto, eis as iniciais do nome dela.

AUGUSTO - Isto é para desatinar um homem!... que diabrura!

FELIPE - Diabrura, substantivo feminino: é isso: desculpas-me agora?

JAMES (Dentro) - Rasom de fôrça maior! (Ana avança. Augusto e Felipe recuam. James entra.) Perseguidora vem atrás de mim.

ANA - Mas aqui ela o apanha!... já ouço passos...

JAMES - Eu salta janela!... (Salta pela janela)

VIOLANTE (À porta) - Ah! vou cercá-lo no jardim!... minha amiga, Mr. James galantea-me a fazer negaças: é adorável!... (Sai)

AGUSTO (A Fabrício) - Recebe êste lenço: se uma senhora m'o houvesse dado, ninguém o conseguiria tirá-lo de meu poder. (Dá o lenço)

ANA - Dignamente, Sr. Augusto!...

FELIPE (Rindo-se) - Compensação: eis aqui o teu que achei na mão de minha noiva. (Entrega o lenço.)

AUGUSTO - Agora é demais!... V. Exa. perdoa-me?... (A Ana) eu sinto neste enrêdo dedos côr de rosa!

ANA - E duas ou três mômças puderam mistificar dois estudantes! os Srs. devem envergonhar-se.

A moreninha

AUGUSTO - Ah! minha Sra.! basta uma só para lograr tôda a academia!

FELIPE - Contanto que não houvesse da parte dos mistificadores má intenção.

ANA - E não houve: foi brinquedo, zombarias de môças, nem admito que se pense de outro modo.

JAMES (Voltando pela janela) - Permission! senhore don Anne, eu vai-me embora para cidade neste hora mesma!

ANA - Não, Mr. James; eu aquietarei D. Violante.

VIOLANTE (À janela) - Minha amiga, não creia nesse amável mentiroso! é ele quem me provoca a segui-lo para pedir-lhe explicação do fogo abrazador com que me olha. (Vai-se.)

JAMES - Ela vem me cerca, eu fuja!... (Vai-se)

JAMES - Pois bem, minha avó; travessura por travessura, Augusto, vamos vingar-nos. Imagina mil ardis...

ANA - Sim; todos porém dignos de cavalheiros galantes.

AUGUSTO - Mas quem são as belas empalmadoras?

Joana, Joaquina e Gabriela (Cantam no jardim) -

Todo em flores o jardim

Inda assim

Tem no seio mágoa e dor:

Por que choram duas rosas

Saudosas

Cada qual seu beija-flor.

(Sras. e caval.)Procuremos com fervor

(Cantam em côro no jardim) Um e outro beija-flor.

FELIPE- Augusto, aquilo de beija-flor é contigo!

AUGUSTO - Mas olha, que são dois os beija-flores: o outro positivamente és tu.

Joana, Joaquina e Gabriela (Cantam dentro a retirar-se) -

Onde está o bandoleiro

Traioeiro

E o seu novo imitador

Há duas rosas penando

Desejando

Cada qual seu beija-flor.

(Sras. e cavalheiros, dentro em côro) -

Procuremos com fervor

Um e outro beija-flor.

FELIPE - O côro é geral; mas responde ao canto malicioso que entoam minhas primas e D. Gabriela são as tais!

AUGUSTO - Eu já as adorava tanto!... mas agora por vingança devo adorá-las em dôbro.

FELIPE - Vamos entrar em campanha: começo propondo que nos finjamos agastados até o fim do baile desta noite.

A moreninha

cena 2ª

(Ana, Felipe, Augusto, Carolina que entra, logo recua, e depois vai entrar pela porta do fundo e esconde-se atrás do grande toucador. James que entra e sai logo.)

AUGUSTO - Não: D. Clementina sofreria, vendo-nos assim.

FELIPE - É claro que vou recrutá-la para o nosso partido.

ANA - Isso eu aprovo: guerra de espírito e de alegria.

FELIPE - A Moreninha poderia ser também ótima aliada...

ANA - Seriam os dois filhos da casa, guerreando os hóspedes! Prefiro que o Sr. Augusto intrigue também e sem piedade a Moreninha. (Carolina, recua e vai-se)

AUGUSTO - Eu?... ter-me-ia por derrotado ainda antes do combate.

JAMES (Entrando) - Senhore don Ane, eu volta para a cidade êste hora mesma! Done Violante é pior do que mutuca, e não me deixa regozija. (Carolina, entra pelo fundo e esconde-se.)

ANA - Vá trancar-se na sala dos homens e espere que eu o chame: vou imediatamente aplacar D. Violante.

JAMES - Ela é capaz de arromba porta, mas eu faz experiência. (Vai-se)

AUGUSTO (Vendo James sair.) -Minha Sra. convença D. Violante de que o meu colega Fabrício morre de amores por ela.

ANA - Quer que eu intrigue também? urdam a sua conspiração que eu volto já para expedi-los desta sala vedada. Felipe, tu és cabeça de vento; mas eu confio na circunspeção do Sr. Augusto. (Vae-se)

FELIPE - Sabes quem trocou os lenços? foi por fôrça a pálida Joanhina que tem suas razões para estar furiosa contra mim e D. Clementina.

AUGUSTO - Perverso!... ela era tua namorada também?...

FELIPE - Pudera!... pois eu havia de ser primo sem cumprir os deveres do suave parentesco?... ainda há 5 dias troquei com ela juramentos de amor!...

AUGUSTO - Ah! como Fabrício está burrificado pela gula!...

FELIPE - Tratemos do nosso plano de campanha.

AUGUSTO - Reuniste aqui uma quadrilha de formosas ratoneiras; qual delas me furtou o meu raminho de violetas?...

FELIPE - Não foi D. Gabriela?...

AUGUSTO - Jurou-me que não, e parecia pronta a entregar-mo. Eu lhe disse que o plantasse no coração, permitindo-me ir ali colher violetas: ela respondeu-me suspirando: "daqui a um século as acharia cultivadas!" vê que poesia!... D. Gabriela dando-me violetas aos cinco e vinte anos de idade!

FELIPE - Mas o nosso plano de campanha?

AUGUSTO - Pensemos... a propósito: como hei-de intrigar tua irmã?... dá-me a ponta de algum fio para tecer a rêde.

FELIPE - Nada sei que possa convir: mas... aproveita ao menos o caso do botão de rosa que ela perdeu e que Fabrício achou e não quis restituir-lhe: nem uma, nem outra sabem em que não parou o pobre botão, eu o empalmei, e daqui a pouco será teu.

AUGUSTO - Sim, quero o botão de rosa; vê porém se te lembra algum segredinho... alguma inclinação.

FELIPE - Qual!... só travessuras! ah! é verdade: ela desenha sofrivelmente e mais de uma vez, desenhando bonito menino traquina, escreve por baixo do menino "meu noivo".

AUGUSTO - Bem... mas é pouco... lembra mais alguma coisa...

FELIPE - Explora os seus defeitos: a Moreninha é estouvada...

AUGUSTO - Desinquieta...

FELIPE - Leviana, impertinente, e muito curiosa, muito!

AUGUSTO - Dissimulada, também, é?...

FELIPE - Tudo isso: deliniemos agora o plano de campanha.

AUGUSTO - Estou a imaginá-lo: não achas que tua irmã teve ontem à noite um acesso de melancolia?... sabes a causa?

FELIPE -Notei; mas ignoro o motivo. Vamos ao plano.

AUGUSTO - Vamos... temos pois D. Joanhina inimiga por ciúme... a loura Quinquina hostil por aliança fraternal...

FELIPE - E... eu confesso: como bom primo, deixei-a ultimamente supor que a preferia à irmã...

AUGUSTO - Diabo!... a loura também!... eu vejo que tenho bons discípulos!... mas... ontem reparei que D. Carolina...

FELIPE - Ai!... a teimares sempre com a Moreninha!... bandoleiro?... tu estás apaixonado por minha irmã?...

AUGUSTO - Que idéia!... queres ou não tratar do plano de campanha?...

SENHORAS (Cantam dentro e se aproximam) -

Em busca de beija-flores

Perde o tempo, perde o tino,

Quem vai

Adeus infindos amores

Vamos chorar êste ensino:

Ai! Ai!

AUGUSTO - Elas vêm para o tolete... fujaamos!

FELIPE - Não! tenho uma inspiração de estudante! espreme-te por baixo dessa cama, e fica aí para ouvir os segrêdos das nossas mistificadoras: encetaremos a campanha por um ataque de emboscada.

AUGUSTO - Felipe, a tentação é diabólica!

FELIPE - Espreme-te ou dou-te baixa de estudante por indigno!...

A moreninha

AUGUSTO - Menos essa!... para escapar à baixa rebaixo-me em honra do meu título.
(Mete-se em baixo da cama) Felipe, estou deveras espremido... e há pulgas!...

cena 3^a

(Felipe, Augusto, Carolina escondida)

ANA - Saiam depressa!... que é do Sr. Augusto?

FELIPE - Submergiu-se, não queira saber dêle.

AUGUSTO - Minha senhora, por amor da verdade, denuncio-me escondido em baixo da cama: Felipe meteu-me em teias de aranha, se porém V. Exa. o ordena eu saio do purgatório...

ANA - Portanto não é só Felipe, todos os estudantes são cabeças de vento!... mas... isso não convém... seria demasiado abuso... saia, Sr. Augusto!

AUGUSTO - V. Exa. creia que isto é quase o inferno do Dante: entra-se aqui facilmente; mas sair custa muito! (As Sras. cantam)

ANA - É tarde! fique, embora; seja porém discreto: foge Felipe! (Felipe salta pela janela: Augusto recolhe-se.)

A moreninha

cena 4^a

(Augusto e Carolina escondidos. Ana que se retira logo. Joana, Joaquina, Gabriela, Clementina e senhoras que vêm cantando de dentro, e terminam o canto ao entrar:)

ANA - Deixaram-me o jardim sem as suas mais belas flores?

JOAQUINA - O sol e a fadiga puderam mais do que a nossa vontade. Ficaremos aqui apenas alguns minutos a conversar.

ANA - Tenham cuidado! eu as previno de que há nesta sala um gato encantado, que gosta de ouvir os segredos das m^oças para atormentá-las depois...

JOANA - De que modo, titia?... miando?....

ANA - Eu já as avisei: depois não se queixem. (Saindo com outras sras. menos Joana, Joaquina, Gabriela, e Clementina.)

JOAQUINA - Ainda bem que a minha futura prima não tem medo! tão caladinha que estava! (Beija-a) há de dar-me três botões de flor de laranjeira da sua coroa de noiva!

GABRIELA - Eu quero o seu véu! (Cercam-na)

JOANA - Eu quero um alfinete, e um grampo!

JOAQUINA - Eu hei de apertar-lhe o vestido.

JOANA - Deixar-me-á calçar-lhe um dos sapatinhos?...

CLEMENTINA - Oh! as Sras. são mais temíveis, do que o gato encantado! se me invejam o casamento, façam por achar noivos. (Saindo)

GABRIELA - Seriamente... a Sra. me ensina como fez para achar o seu tão depressa?...

CLEMENTINA (Voltando-se) - Soube merecê-lo. (Vai-se.)

JOAQUINA - Até que enfim estamos sós.

JOANA - Você já notou no queixo de D. Sofia?

JOAQUINA - Pois ela tem queixo? O que me espanta é o nariz de D. Chiquinha!...

JOANA - Ih!... quando ela espirrar há de ser um tiro de artilharia!

JOAQUINA - E aquela linguicinha chamada Balbina?... que pau vestido! e está sempre a rir; por que a única coisa que tem para mostrar, são os dentes.

GABRIELA (Deitando pó no rosto) - E ela morderá como vocês?...

JOAQUINA - E você o que faz aí? isso é poeira para deitar nos olhos do badoleiro. (Gabriela vem para a frente.)

GABRIELA -Então preciso cegá-lo, para que êle não veja a minha fealdade? (Joaquina ao toucador.)

JOANA - Não; mas para que êle não veja as outras. Que m^oço petulante! hão de crer que me declarou a mais bela das senhoras aqui reunidas? e protestos de amor no caso!...

GABRIELA - E a mim jurou que eu era a mais formosas das criaturas!... e paixão confessada ternamente!

JOAQUINA - Que tratante sem consciência!... disse-me que em beleza e graça eu era a rainha de vocês tôdas, e que de todo meu cativo, queria morrer de amor a meus pés!...

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

GABRIELA - Mas isto é zombaria revoltante!...

JOANA - Já desde ontem estamos em guerra; continuemô-la! precisamos castigar os que nos humilham.

GABRIELA - Eu não convenho em prosseguir na intriga dos noivos: já os vi arrufados e isso pode ser nocivo.

JOAQUINA - Você nada fêz contra os noivos: foi Joaninha, quem trocou os lenços; mas não lhe perdoa ter perdido o raminho de violetas que tanto me custou a furtar.

GABRIELA - Não o perdi, tiraram-mo, como ao Fabrício o botão de rosa da Moreninha, que apanhei por acaso, e que D. Joaninha me agradeceu tanto ao recebê-lo.

JOANA - Essas ninharias provam somente conspiração contra nós: cumpre-nos reagir. Começemos pelo bandoleiro que nos ofendeu: escreva-lhe uma de nós terno bilhete anônimo, marcando-lhe conferência amorosa na gruta encantada, amanhã depois do baile, e ao romper da aurora...

JOAQUINA - Êle é vaidoso, por consequência tôlo, por consequência ridículo, por consequência há de ir...

JOANA - E em vez de uma namorada três diabinhos o ridicularizarão martirizando-o com três paixões fingidas.

GABRIELA - Eu voto contra, mas se vocês forem, irei também.

JOAQUINA - Aditivo ao projeto, ali no tolete há tesourinhas: cada uma de nós levará a sua para tomar prenda de amor: eu hei de cortar-lhe um dos colarinhos.

JOANA - E eu uma das pontas da gravata. A idéia é boa.

GABRIELA - Também voto contra; mas se vocês cortarem, eu cortarei um dos punhos da camisa: há de ser o da manga esquerda; por que foi com a mão esquerda que ontem êle me apertou os dedos.

JOANA - Quem escreve o bilhete?...

GABRIELA - Eu não; por que não sei ortografia.

JOAQUINA - Tiraremos por sorte: D. Gabriela vota contra; mas se cair nela a sorte, escreverá.

JOANA - Entendidas quanto ao bandoleiro: eu e Quinquina tomamos conta dos noivos. Falta agora a Moreninha.

GABRIELA - Isso é criança que não entra em república, deixemô-la.

JOAQUINA - De acordo, só por falta de tempo. Estou absorvida pelo Leopoldo, que se apaixonou por mim e que é o mais parvo dos estudantes. O paspalhão pediu-me que das luvas, com que eu hoje dançar no baile, lhe dê a da mão direita, que é a do casamento, e eu fiquei de ir durante a ceia deixar-lha no jardim aos pés da estátua de Cupido; êle porém a achará com todos os dedos cortados, menos o indicador.

JOANA - Por que?

JOAQUINA - Por que é com esse dedo que se aponta, dizendo-se "ponha-se na rua".

JOANA - Isso não fazia eu, nem ao próprio Fabrício: môça de juízo nem anima demais nem desengana de todo o seu adorador. A cãozinho obediente traz-se pela corda. Olhem: o Dr. Telêmaco, que é o homem mais feio de Paquetá persegue-me desde ontem com os seus

A moreninha

protestos de amor.

GABRIELA - E você?...

JOANA - Vou respondendo a tudo: não sei... ora... talvez... et cetera; mas hoje no baile hei de exigir que em prova de amor vá para o mar ao romper da aurora, cantar uma barcarola defronte desta casa.

GABRIELA - E para que?...

JOANA - Para experimentar-lhe a falta de juízo, fazendo-o tremer de frio uma hora.

GABRIELA - Que crueldade!

JOAQUINA - Acha?... então como pensa neste assunto?...

GABRIELA - Com franqueza?... ah! eu só penso em me casar... confesso... ah!... quem me dera já um noivo!... (Reclina-se suspirando.)

JOAQUINA - E olhem que formoso pezinho mostrou!... que mimo!... é mais pequeno que o meu: vamos medir?... (Estende o pé.)

GABRIELA - Ora! o meu pé tão feio! mas se quer!... (Medem os pés.)

JOAQUINA - Iguais!... já sei que tenho pés delicados.

GABRIELA - E você, D. Joantina? (Joana levanta-se e vai para o toucador.)

JOANA - Só concedo a medida do meu pé aos sapateiros.

GABRIELA - (Baixo a Joaquina) - Sua mana tem os pés grandes. (Joaquina faz sinal que sim.)

JOANA - Que diz ela?

JOAQUINA - Repete que está doida por casar. (Rindo)

JOANA - E não se descuida! lembra-se do baile do casamento da Nicota? aquele moço muito baixinho, a quem então apelidamos doutor Milésimo, fê-lhe a côrte, derreteu-se em finezas, falou-lhe nas doçuras do casamento e você lhe respondeu: "se ama-me, fale a papai".

GABRIELA - Quem lhe contou isso?...

JOANA - Meia hora depois um mancebo gigante, a quem alculhamos capitão Ferraguz, galanteou-a, dirigiu-lhe proposições ternas e decorosas, e você respondeu-lhe de olhos no chão: "se ama-me fale a papai". Infelizmente os dois eram irmãos, e espantados da fraternidade no amor, nenhum deles foi falar a papai.

GABRIELA - E daí?...

JOAQUINA - Você não é bandoleira; mas bem capaz de mandar todo o gênero humano masculino falar a papai.

GABRIELA - Quem referiu isso a vocês foi a irmã dos dois embusteiros; mas eu também tenho histórias para contar.

JOANA - Conte-as, D. Gabriela!...

GABRIELA (A Joana) - Além do seu primo Felipe, o pérfido, e do Fabrício o simplório, você namora certo comendador velho e rico que lhe prometeu casamento, e que vai à noite tomar chá em sua casa, levando sempre um sobrinho pobre porém moço: na despedida enquanto o velho beija-lhe vinte vezes as mãos, o sobrinho vai buscar o chapéu e a bengala do tio e acha no chapéu cartinhas e flores que você lhe destina!...

JOANA - Não nego; mas o comendador tem sessenta e oito anos, eu dezoito, e o sobrinho vinte dois e é lindo!...

GABRIELA - Ao menos não abuse, deitando flores e bilhetes de amor para o sobrinho no chapéu do tio.

JOANA - Sem isso não havia graça nem romantismo no caso.

GABRIELA (A Joaquina) - Agora é com você. Um dia jantando juntos o Tenente Frederico com o capitão da sua companhia da guarda nacional, fizeram mútuas confidências do amor e da ativa correspondência epistolar que entretinham com suas fiéis namoradas, e saíram ambos depois do jantar para vê-las mostrá-las um ao outro, cada qual a sua: em rua próxima, ambos a um tempo indicando bela moça à janela de um sobrado, disseram: " é aquela!..." e ambos a um tempo fizeram logo meia volta à direita, e adeus amor em duplicata!...

JOAQUINA - Só isso?...

GABRIELA - Na mesma tarde o Tenente ficou sabendo que era o capitão quem redigia as respostas que você dava às cartas dele.

JOAQUINA - Como esse capitão é seu primo, pode dizer-lho, que as cartinhas que de mim recebia eram com letra desfigurada escritas pelo comandante do batalhão. (Senta-se)

GABRIELA - Ah! mas nessa escala você vai até o comandante superior sem mandar um só dos seus namorados falar a Mamãe?

AUGUSTO (Abafando um espirro) - Etchim....

AS TRÊS (Levantando-se) - Ai...

GABRIELA - Foi um espirro!...

JOANA (A olhar) - Sim... há alguém aqui...

JOAQUINA - Não há... foi algum rato... os ratos fazem assim...

JOANA (Vendo Ana) - Ah!... foi tia!... que medo nos causou!...

A moreninha

cena 5ª

(Augusto e Carolina escondidos. Joana, Joaquina, Gabriela, que logo se retiram.)

ANA - Já descansaram bastante: estão sendo muito desejadas.

JOAQUINA - Vamos já. (Correm ao toucador.)

JOANA - Ah! titia! o seu espirro fêz-nos ter um susto!...

ANA - O meu espirro! ah!... sim... pensaram que era o gato encantado?...

GABRIELA - Com o gato estávamos nós bem: ele que lhe conte os segredos que nos ouviu. (Vão-se.)

ANA - Saia, Sr. Augusto! ande! (Augusto saindo de baixo da cama)

AUGUSTO - Oh! Valeu a pena; mas não caio em outra!

ANA - O Sr. espirrou?...

AUGUSTO - É verdade, minha senhora! por causa de uma pulga que me entrou no nariz. (Em pé e sacudindo-se.)

ANA - Foi castigo. Retire-se imediatamente.

AUGUSTO - Minha senhora! ouvi maravilhas, e vi dois pezinhos que podiam bem servir para alfinetes de peito.

ANA - Depois me contará! Retire-se. (Augusto vai-se.) Que rapazes! que loucos!...

CAROLINA (Saindo de trás do toucador) - Miau! (Miando.)

ANA - Oh! (Voltando-se) Carolina!... tu aqui, curiosa, que fizeste?

CAROLINA - Minha avó, como V. mercê arranjou um gato, eu julquei que podia arranjar uma gatinha.

ANA - Tentação! guarda segredo ao menos.

FIM DO TERCEIRO ATO

A moreninha

ATOIV

1º QUADRO

(Grande sala: ao fundo janelas e no centro porta com degraus para o jardim que iluminado se vê em parte: à E., e ao fundo, porta, comunicável com a sala de jantar: - portas à direita: mobília elegante: piano. É noite.)

cena 1ª

(Augusto adormecido com o braço direito apoiado a uma das janelas. - Felipe que sai da sala vizinha, e pretende despertar Augusto. - Carolina que entra do jardim, furtiva, mas logo pára; e vai falar a Felipe - Ruído da ceia na sala próxima. Uma Snra. canta dentro e durante o canto Felipe e Carolina falam, e esta executa o resolve fazer.)

CORO

(Dentro)

A noite preguiçosa

Hoje se fêz veloz

Tôda de encantos

Deixa tristeza após.

E longa, doce, amarga

Saudade a todos nós.

FELIPE - (Vendo Augusto) E esta?... veio pôr-se de sentinela e adormeceu!... vou acordá-lo, puxando-lhe as orelhas. (Rindo)

CAROLINA - (Tomando Felipe pelo braço.) Cala a boca.

FELIPE - Ah!... impertinente que queres aqui?...

CAROLINA - Deixa que eu faça uma travessura inocente... (Ameigando-o) Deixas?...

FELIPE - Mas que é?...

CAROLINA - Silêncio! olha; e vê. (Vai pé por pé a Augusto, desata uma fita que está atada a uma casa do peito da sôbre-casaca, e puxa-a do bolso, saindo prêso à fita um botão de rosa.) É meu botão de rosa! tu lh'o deste hoje de manhã, e agora deixaste-me tomá-lo. Traiador duas vezes!... adeus, estudante espertalhão! (Vai-se pra dentro)

FELIPE - Espichei-me completamente, mas quem mandou este pastrana dormir? (Coro! termina o canto)

VOZES - (Dentro) Bravo! Bravo!...

JAMES (Dentro e ao som dos bravos.) Vive senhora don-Ane!...

AUGUSTO - (Despertando ao ruído) Oh!... pois não adormeci!... mas que idéia a daquela gente a desentoar melancolias no fervor de uma ceia!...

FELIPE - E no entanto, minha prima Quinquina já saiu para o jardim e já voltou, e por sinal que voltou sem a luva da mão direita.

AUGUSTO - Ah!... e Leopoldo?...

FELIPE - Ainda não foi buscar a luva: demora-se, rendendo finezas a D. Gabriela também...

AUGUSTO - Êle a duas amarras e eu a dormir aqui!... corro aos pés da estátua de Cupido a apoderar-me da luva. (Vai-se descendo apressado para o jardim)

FELIPE - (A Augusto) E eu vou entreter Leopoldo. (Volta-se e vê Leopoldo e Gabriela) Ah! não é necessário. Êle aí está prêso como peixe em anzol. (Cumprimentando os dois.) On ni

A moreninha

soit qu'il mal y pense. (E entra para a sala da ceia.)

cena 2ª

(Leopoldo e Gabriela. Continua o ruído festivo da ceia.)

GABRIELA - Ouve?... zombam injustamente de mim, que tão pouco mereço! a prova disso é esse desgraçado laço de fita...

LEOPOLDO - Oh, minha Sra... essa ditosa prenda...

GABRIELA - Não prenda, não; o Snr. pediu-me vinte vêzes: mas eu não lhe dei o meu laço de fita... foi êle que, não sei como caiu dos meus cabelos na sua mão...

LEOPOLDO - Tal e qual; foi mesmo assim; mas no momento em que o preciso laço caiu na minha mão, sua amiga, a Sra. Quinquina que estava do outro lado, falou-me, eu para que ela não visse a fita, pus sôbre a perna, e nem V. Exa. nem eu vimos quem a furtou; mas furtaram-na!

GABRIELA - É inconcebível!... tudo isto foi há dois minutos! nem dois minutos de cuidado mereci!...

LEOPOLDO - Minha senhora, há aqui desde ontem verdadeiro jogo de furtos...

GABRIELA - Por isso mesmo! ao menos porém o Snr. jura-me que não deu o laço de fita a D. Quinquina?

LEOPOLDO - Que idéia cruel!... juro-o mil vêzes! assim como juro que V. Excia. cativou-me para sempre o coração!

GABRIELA - Ah!... voltemos à mesa da ceia... em prêmio do que me diz, quero comer um suspiro dado pela sua mão, e... se é verdade... que ama-me pode falar a papai. (Abaixando os olhos.)

LEOPOLDO - Minha sra., tenho medo de endoidecer de alegria. (Vão para dentro.)

A moreninha

cena 3ª

AUGUSTO E FELIPE

AUGUSTO (Largando o chapéu sobre uma cadeira, e muito contrariado) - Indigno da minha nobreza de estudante! estou desacreditado!

FELIPE - Então?... vens com ares de quem tomou bomba no exame!...

AUGUSTO - Reprovado com três bolas pretas!... os pés da estátua de Cupido não tinham meias, quanto mais luvas! Alguém, se não foi Leopoldo, empolgou a luva de D. Quinquina, e, mil vezes pior que isso, perdi ou furtaram-me o botão de rosa que trazia embolçado, amarrado e encadeado!

FELIPE - O botão de rosa da Moreninha?... ora! é a perda da luva que deves lamentar.

AUGUSTO - Pois daria a luva sem dedos ou com todos os dedos de D. Quinquina pelo botão de rosa de tua irmã.

FELIPE - Augusto! que queres que eu entenda?...

AUGUSTO - Nestes casos o mais prudente é entenderes o que melhor te parecer; assevero porém que tens a felicidade de ser irmão do anjo mais lindo e provocadoramente endemoninhadinho que tenho visto neste mundo!

FELIPE - Namorado desfrutável, esquece minha irmã, e lembra que antes de 2 horas te acharás no jardim com três apaixonadas que juraram fazer de ti gato e sapato.

AUGUSTO - Sabes o que mais me lembra? é que as três vaidosas, multiplicadas por trinta, não valem um só dos sorrisos da Moreninha.

FELIPE - Ah! começa a estafar-me a paciência! não quero que tornes a falar-me da Moreninha, e para consolar-te da perda da luva, toma este laço de fita que D. Gabriela trazia no cabelo e deu a Leopoldo. (Dá o laço de fita.)

AUGUSTO - Parece que Leopoldo tem aproveitado as minhas lições! (Guarda o laço em um dos bolsos da aba da casaca.) O laço há de servir-me no jardim. Como o apanhaste, Felipe?...

FELIPE - Não fui eu: prometi segredo; mas leve-o mesmo o segredo: foi a Moreninha.

AUGUSTO - A Moreninha! olha que desta vez foste tu que falaste nela, e portanto... meu Felipe, fecha os olhos para não me veres beijar o laço de fita que possuo pelas suas mãos!... (Tira o laço, beija-o e guarda-o).

FELIPE - Maldito impertinente!... deixa-me: ainda não ceiaste: vai para a mesa... anda.

AUGUSTO - Tens razão: vou comer como Fabrício e beber, como Mr. James. Ah! meu botão de rosa!... que sono danado!... (Entra)

cena 4^a

Ana e Felipe

ANA (observando Augusto) - Como ele vai abstrato! creio que nem me viu.

FELIPE - É sintoma de moléstia de coração; mas não faça caso; porque a afeição é curável.

ANA - Vocês lá se entendem, e o que mais me importa é outra coisa: acabamos de levantar-nos da mesa; como porém lá se deixaram todos em pé a ouvir um discurso de Mr. James, que não acerta no que diz, aproveitei a ocasião para prevenir-te de que Carolina e tu me estão fazendo andar a cabeça a roda.

FELIPE - Como? Por que?...

ANA - O amor torna os pais surdos, as mães cegas, e os avós patetas; e eu já estou tão pateta, que irrefletida autorizei esse encontro de três moças com um estudante em lugar e hora inconvenientes: Felipe, é preciso desistir de semelhante criançada.

FELIPE - Ao contrário; é o remate da nossa festa e sem a menor inconveniência. Minhas primas e D. Gabriela pediram-lhe licença para a sua travessura; Augusto de seu lado mostrou-me o bilhete anônimo que recebeu, e vai com aprovação minha encontrá-las junto da gruta no jardim. Não há pois mistério no caso, e, ainda melhor, haverá comédia; por que as três moças e Augusto pensam, que estarão sós; e vossa mercê, eu, e mais oito ou dez senhoras e cavalheiros às ocultas apreciaremos a cena.

ANA - Tu achas sempre boas razões para me convencer do que te faz conta; mas vê bem: eu fraqueio neste ponto; porque Carolina não entra na história: eu não quero que a Moreninha...

FELIPE - É claro: Carolina não deve, e não há de lá ir. V. mercê a fará recolher, mandando-a dormir logo que acabar o baile.

ANA - Oh! esse cuidado terei eu; é de Carolina que mais me preocupo: queres que eu te diga?... Desde ontem a observo, e tenho chegado a suspeitar que a pobre inocentinha não é indiferente ao teu amigo Augusto.

FELIPE - Isso prova somente que minha irmã tem bom gosto. Deixe esse assunto por conta da Moreninha.

ANA - Receio... ela é um pouco leviana.

FELIPE - Ela?... é uma doidinha que vende sizo.

ANA - Mas o teu amigo evidentemente faz-lhe a côrte.

FELIPE - Deixe também isso por conta dele: a sua obrigação é fechar os olhos.

ANA - Felipe!

FELIPE - Ora! eu tenho a certeza de que Augusto está apaixonado por minha irmã, e se fosse possível ataçava-lhe mais fogo...

ANA - Pensas então?...

FELIPE - Que ele é trigo sem joio.

ANA - Mas a sua visão do passado?...

FELIPE- Em primeiro lugar foi visão, em segundo é passado; e a Moreninha é enleio do presente e bela esperança do futuro.

A moreninha

ANA - Felipe, vê lá!...

FELIPE - Ah! minha avó! deixe a menina e o estudante aproveitarem o seu tempo!...

VOZES (Dentro) - Atenção! Mr. James vai cantar!

ANA - Ainda!... (Volta-se com Felipe para ouvir)

JAMES (Canta dentro) -

A festa estar tão bonita

E eu de champanhe ser tomante,

Que até faz uma saúde

A Sra. dona Violante.

Vive Senhora don'Ane! ...

VIOLANTE (Dentro) - Então a saúde é a mim ou a Sra. Dona Ana?

VOZES (Dentro) - Viva!... bravo!... bravo!... (Risadas)

cena 5ª

(Felipe, Ana, Joana, Joaquina, Gabriela, Leopoldo, Fabrício com um cartucho grande na mão, Carolina que furtivamente deita alguns objetos no chapéu que Augusto deixara sobre a cadeira. Augusto que desapontado vai ter com Felipe. Senhoras e cavalheiros cercando Fabrício.)

JOAQUINA - Mostre-nos as flores! mostre o bouquet!...

VOZES - Mostre!... queremos ver!... (Cercam Fabrício)

FELIPE - Mas que é isto?...

GABRIELA - É um ramallete misterioso... queremos ver!...

FABRÍCIO - Eu reclamo o respeito devido ao incógnito do meu cartucho!...

JOAQUINA - Tomemos o cartucho!... (Avançam)

FABRÍCIO - Ah quem d'El-rei!... ah quem d'El-rei!... (Faz negaça e foge para dentro: Todos o seguem.)

VOZES - Tomemos o cartucho!... (Vão-se.)

AUGUSTO - Sou estúpido como um bobo de comédia.

A moreninha

cena 6ª

Felipe e Augusto

FELIPE - Que tens tu?...

AUGUSTO - Oh! furtaram-me também o laço de fita de D. Gabriela, o que prova que sou um basbaque!

FELIPE - Augusto, o que vem a ser aquilo?

AUGUSTO - Felipe, aquilo é o ramalhete que tua irmã trazia no baile, e com o qual acaba de prender Fabrício!...

FELIPE - A Moreninha!... mas que te importa o que faz ou como procede minha irmã?...

AUGUSTO - Positivo! não é da minha conta; mas vou esconder-me no fundo do jardim, já que não posso fugir para o Japão ou para a China! (Vai tomar o chapéu e repara.) Que é isto?... ah!... Felipe! aqui está no meu chapéu o laço de D. Gabriela!... (Mostra) Olha! a luva de D. Quinquina também... (Mostra.) oh! esta fita! é a que prendia o botão de rosa!... vê o lindo botão de rosa!... (Puxa a fita que traz preso um ramo de arruda) Ora! um raminho de arruda!...

FELIPE - Muito bem! bravo!... é para te curar de quebranto.

AUGUSTO - Mas quem foi que... ah, Felipe! juro que se não foste tu, foi ela...

cena 7ª

(Felipe, Augusto, Ana, Joana, Joaquina, Gabriela, Clementina, Carolina e senhoras, Fabrício, Leopoldo, cavalheiros, e logo James e Violante.)

VOZES (Cercam todos Fabrício) - Tome-se o cartucho!...

FABRÍCIO - Protesto contra o ato de violência!

ANA - Eu intervenho com a minha autoridade e peço explicações.

CAROLINA - O caso é simples, minha avó: O Sr. Fabrício pediu-me uma florzinha do meu ramallete do baile; eu indiquei-lhe que seria melhor dar-lhe o ramallete todo, o Sr. Fabrício disse que aceitava, e eu entreguei-lhe dentro daquele cartucho a prenda merecida...

ANA - Julgo que o Sr. Fabrício pode agora sem quebra de delicadeza mostrar o seu ramallete...

CAROLINA - Por certo: eu acho que todo o embrulho deve-se desembulhar... (Afasta-se.)

FABRÍCIO - Agora, sim, posso ostentar a minha glória! (Abre o cartucho e acha um pastel de nata) Oh!...

JOAQUINA - É um pastel de nata!... (Risadas)

VOZES - Parabéns!... parabéns pelo ramallete!... (risadas)

JOANA (A Fabrício) - O Sr. sempre recebe o que merece!...

FABRÍCIO - Confesso que o desapontamento foi grande; não lhe falta porém compensação; porque o pastel de nata come-se. (Come o pastel)

AUGUSTO (A Felipe) - Tua irmã é linda como os amores!

FELIPE (A Augusto) - E tu és muito mais tolo do que Fabrício. (Batendo palmas.) Uma polca! dancemos uma polca! (Movimento.)

AUGUSTO (A Carolina) - Minha senhora, hoje ainda não consegui a felicidade de dançar com V. Excia.

CAROLINA (A Augusto) - Só por sua causa: sempre se dirigiu a mim ou muito tarde, ou cedo demais.

AUGUSTO - Nas duas primeiras contra-danças!...

CAROLINA - Eu já tinha par: chegou muito tarde.

AUGUSTO - Pedi-lhe sucessivamente e com antecedência as 3 seguintes...

CAROLINA - É verdade; mas com antecedência foi cedo demais.

AUGUSTO - Negou-me uma valsa.

CAROLINA - Tive medo de ficar tonta.

AUGUSTO - Mas agora?... esta polca?...

CAROLINA - Ah!... esta polca?... vou tocá-la ao piano. (Vai.)

FELIPE (A Augusto) - Vai dançar com a minha noiva, bobo! (Alto) a polca! a polca!...

JAMES (Entrando com D. Violante) - Eu entra na forma, e dança polca com Sra. done Violante. (Organiza-se a dança.)

A moreninha

VIOLANTE - Mr. James está hoje radiante de galanteria. (Começa a polca que se desorganiza no fim de algumas voltas: porque Carolina passa de súbito a tocar a cachucha.)

JAMES - Eu também dança cachucha! Senhora Done Violante aferrenta cachucha comigo!...

VIOLANTE - Estou pronta. Sempre adorei as danças figuradas (Dançam os dois: James cai e com ele Violante) Eu nunca escorreguei em minha vida!... este homem bebeu mais champanhe do que devia! (Levantam-se Violante e James)

JAMES (Rindo-se) - Done Violante cai sem escorrega! Eu jura que foi ela que me puxou. (Vai para dentro. Começa despedida geral: As Sras. se abraçam e beijam-se.)

GABRIELA - São horas de nos recolhermos. deixemos descansar estas senhoras.

TODOS (Cantam) -

Boa noite!... boa noite!...

A despedida chegou!

Outra festa igual a esta

Que tão rápida voou!...

Joana, Joaquina e Gabriela - Boa noite!... (Umas outras) - Fica alerta!

Boa noite!... (Idem) - Alerta estou.

FELIPE - Boa noite!... (A Augusto) Fica alerta.

AUGUSTO - Boa noite!... (A Felipe) Alerta estou.

CAROLINA - Boa noite!... (Olhando) Estão alerta.

Boa noite!... (Idem) Alerta estou.

FIM DO QUADRO

2° QUADRO

(A decoração do ato 1°. O quadro começa ao romper da aurora e acaba à luz do sol. Ainda duram: mas vão-se extinguindo alguns últimos lampeões da iluminação do jardim. À entrada da gruta uma lanterna que a esclarece mal. Vê-se uma luz no mirante por uma das janelas que estará entreaberta.)

A moreninha

cena 1ª

(Augusto que desce para o jardim. Felipe que pára nos degraus da porta, e logo se retira, Carolina que chega à janela do mirante e imediatamente se recolhe.)

FELIPE - Elas ainda não saíram: é talvez muito cedo.

AUGUSTO - A cortezia com um frio destes não deixa de custar; mas um cavalheiro não deve fazer-se esperar por Senhoras: vou escolher a posição para tomar a ofensiva. (Indo para a gruta)

FELIPE - Cuidado com as tesourinhas! se de volta me achares dormindo, acorda-me para me contar como te saíste da entrosga.

AUGUSTO - Sim; mas recolhe-te, e não faças bulha. (Felipe se retira; Augusto vai de manso e entra na gruta)

CAROLINA (Canta dentro do mirante sem ser vista) -

Aurora rompendo, é bela,

Belo o sol que vai luzir;

Mas o baile também cansa,

Tenho sono, vou dormir.

Sou feliz, mesmo dormindo;

Por que sonho sempre a rir.

ANA (Pára nos degraus da porta e logo se retira. Joana, Joaquina e Gabriela que descem para o jardim) - Pois bem, travessas, vão: deixo-as ir; porque confio na discrição de todas três: vejam lá como procedem...

JOANA - Fique sossegada, titia: nós temos muito juízo.

ANA - Acreditando que vocês não queriam estar no escuro, mandei pôr uma lanterna à entrada da gruta. Podem ir sem medo. (Retira-se: As três senhoras demoram-se, ouvindo o canto de Carolina)

CAROLINA (Canta dentro do mirante sem aparecer) -

Sem ilusões no passado,

Sem cuidados no porvir,

Pelas auras bafejada,

Tenho sono vou dormir.

Sou feliz mesmo dormindo,

Por que sonho sempre a rir.

GABRIELA - A Moreninha está se embalando.

JOAQUINA - É mais sonsa do que um batalhão de sonsos: canta para ver se o bandoleiro sonha com ela.

GABRIELA - Ah! faz frio de enregelar!

JOAQUINA - Ainda bem que você traz uma fogueira no coração.

JOANA - Vamos (Indo.)

GABRIELA - Tenho medo! olhem, que eu declarei que votava contra... (Indo)

JOAQUINA - Em tal caso pode não ir... ainda é tempo... volte para casa! (Indo.)

GABRIELA - Não, eu votei contra; mas vou; por que vocês vão.

A moreninha

cena 3ª

(Joana, Gabriela, Joaquina que vão de manso, e como receiosas dirigindo-se para a gruta. Ana, Clementina, Violante, duas senhoras, Felipe, Leopoldo, Fabrício que vêm pelo fundo, e vão sair para o alto do rochedo, onde se ocultam. Um pouco mais tarde Carolina que vem por entre as árvores, e desaparece por trás do rochedo.)

CORO (Todos cantam, menos Carolina) -

Bem de manso, bem de manso;

Que não se faça rumor;

Bem de manso! neste ardil

A surpresa é de rigor

Bem de manso! Bem de manso!

Pssiu! Pssiu! nada de rumor.

JOANA - Eis-nos junto da gruta... o preguiçoso ainda não chegou...

GABRIELA - Agora é que são elas...

JOAQUINA - Devemos entrar na gruta, ou esperar aqui fora?...

JOANA - Aqui fora, não. Entremos, e tesourinhas em punho.

JOAQUINA - Quem entra adiante?...

JOANA - D. Gabriela, que foi, quem redigiu a carta.

GABRIELA - Eu não; por que votei contra: entre você primeiro que é mais corajosa.

JOANA - Por isso mesmo devo ficar atrás para assegurar a retirada. Entra Quinquina...

JOAQUINA - Então hei de ser eu?... entremos todas três juntas...

GABRIELA - É mais prudente!... (Indo as 3) Ah!... não me empurrem...

JOANA - Mas assim não entramos...

AUGUSTO (Aparecendo à entrada da gruta.) - Pois eu saio! eis-me aqui.

(Joana, Joaquina e Gabriela a um tempo e recuando) - Ai!

AUGUSTO - Perdão! se eu saí, foi por que as senhoras não quiseram entrar.

JOAQUINA (A Gabriela) - Fale você primeiro, enquanto eu tiro a minha tesourinha que pus no seio.

GABRIELA (A Joaquina) - Não devo ser a primeira; você bem sabe que eu votei contra.

AUGUSTO (Avançando) - Mas... que inesperada felicidade!... em vez de uma, com que eu contava, são três auroras despontando no mesmo dia!... minhas Senhoras!...

JOANA - Nós não somos auroras; mas o Sr. é o sol a quem viemos pedir luz...

AUGUSTO - Ah! Minha Senhora! começo a ter medo de algum eclipse.

GABRIELA (A Joaquina) - Aquilo é chamar-nos lua!... ele assim escarnece de nós.

JOANA - Desde dois dias o Sr. doutor Augusto tem levado a declarar e a jurar a cada uma de

nós, por sua vez, amor ardente... profundo... perpétuo...

AUGUSTO - É verdade, minha Senhora, declaração leal, e juramento de consciência... a cada uma por sua vez: Oh!... imagine, V. Excia. como está ocupado este coração!

JOANA - E nós?... vítimas de zombarias ou de ilusão cruel devíamos detestá-lo, e todavia temos a fraqueza de não poder fazê-lo... eu... pelo menos não posso... porque... confesso... eu... amo-o...

GABRIELA - E eu então?... quer saber?... adoro-o!...

JOAQUINA - E eu?... coitadinha de mim! morro pelo Sr. Dr. Augusto!...

JOANA - Acho-o lindo!

GABRIELA - Formoso!

JOAQUINA - Deslumbrante!

AUGUSTO - Somadas as três parcelas, as Senhoras vieram dizer-me que sou muito tolo! eis aí o caso do eclipse do sol.

JOANA - Oh, não! embora rivais furiosas chegamos a acordo: assentamos em convir que o Sr. nos ame a todas três ao mesmo tempo...

AUGUSTO - Eu também concordo, minha Senhora.

JOANA - Sob duas condições: a primeira é que cada uma de nós tomará o seu arbítrio uma prenda do jovem tão amado...

AUGUSTO (Afastando-se um pouco.) - Com efeito... a primeira condição me lisonjeia muito...

GABRIELA - E a segunda é que o Sr. que pode agora comparar-nos à sua vontade, fará imediata declaração de cada qual de nós, por mais bonita que lhe merece mais amor.

AUGUSTO - Pronto: vou dizê-lo já baixinho ao ouvido de cada uma...

JOANA - Isso não! há de ser em voz alta...

AUGUSTO - Pois bem: a mais bela das três é aquela, por quem sou realmente mais amado: qual é?...

JOAQUINA - Ele nega-se à segunda condição... (A Joana e Gabriela) contentemo-nos com a primeira que é a das prendas. (Avançando.)

AUGUSTO (Recuando.) - Perdão! as prendas ficam para o fim, em atenção à minha modéstia. Lembra-me um recurso para saber a qual das Sras. devo mais amor. Dizem que a água desta fonte é encantada, e faz descobrir os segredos amorosos das pessoas presentes: farei a experiência. Com licença, minhas senhoras. (Entra na gruta)

JOAQUINA - Não há que hesitar: tesouras no caso. (Tira a tesoura)

JOAQUINA - E todas três a um tempo. (Tiram as tesouras.)

AUGUSTO (Com o copo d'água) - Ah! minhas senhoras, se esta água fosse deveras encantada!... (Bebe) oh!... é impossível!... é falso!...

GABRIELA - O que?... (As três escondem nas mãos as tesourinhas.)

AUGUSTO - O primeiro segredo revelado. Não creio. As senhoras armadas de tesourinhas para cortar uma um dos meus colarinhos. outra uma das pontas da minha gravata, e a outra um dos punhos da minha camisa?... oh!... é falso!... (Gabriela, Joana e Joaquina, confusas,

A moreninha

desconfiadas e guardando as tesouras) É... ora... é....

AUGUSTO (Bebe.) - Que água perversa!... (A Joana) Pois V. Excia seria tão inconstante como eu?... que história curiosa a do comendador velho e rico, seu esperançado noivo, mas que lhe leva a casa um sobrinho moço e bonito, e infelizmente pobre... e V. Excia. fingindo ternuras ao tio velho, e a deitar-lhe no chapéu flores e cartinhas de amor para o sobrinho moço!... ora esta!...

JOANA (Perturbada) - Que invenção!... não compreendo...

AUGUSTO (Olhando para o copo) - Quantas coisas! o meu colega Fabrício reduzido a caturra para entretenimento de horas vagas!... minha Sra., faça-o ver estrelas ao meio dia!... mas o Dr. Telêmaco! Em paga de fazer-lhe a corte estes dois dias, V. Excia. exigir dele ontem no baile, que tivesse ao romper da aurora cantar-lhe do mar uma barcarola, para que o pobre namorado provasse o seu amor, tremendo de frio!...

JOANA - Protesto... tudo isso é puro romance...

VOZ DE HOMEM (Cantando no mar.) -

Ai!...

AUGUSTO - Ei-los, cantando a barcarola...

VOS DE HOMEM (Canrando no mar) -

Ai... neste mar inconstante

Segue a bonança e procela;

Não seja o mar na perfídia

Retrato de minha bela.

AUGUSTO - Ouve?... mas quem o diria, minha Sra.?... a barcarola é cantada por velho pescador assalariado pelo Dr. Telêmaco, que a esta hora está em sua casa, dormindo a roncar!!!

JOANA - Veja se improvisa mais alguma coisa...

AUGUSTO - Oh, sim! V. Excia. trocou ontem meu lenço com o de D. Clementina... nós dois vítimas inocentes! (Em voz baixa.) Era só a Felipe que V. Excia. devia castigar: aquele perjuro que ainda há seis dias beijando-lhe a mão dizia-lhe...

JOANA - Basta... eu lh'o peço...

AUGUSTO - Basta, basta; mas... V. Excia. tem no bolso do vestido uma tesourinha, que a incomoda muito! se quisesse dar-me... eu também lh'a peço.

JOANA - Pois sim... tome-a (Dá a tesourinha)

AUGUSTO (Bebe água) - Bravo!... (A Joaquina) Ah! V. Excia. é borboleta de amor como sua irmã?... Na cidade vinte amores fingidos! sobre todos o caso singular do galanteio com o tenente, o capitão, e o Comandante do batalhão da guarda nacional, três a um tempo, minha Senhora?...

JOAQUINA - Está sonhando! (A Joana.) Oh!

AUGUSTO - Não troca lenços; mas enpalma admiravelmente um ramilhete de violetas: em prêmio de tanta destreza e por encanto desta água maravilhosa me aparece na mão para

oferecer-lhe esta luva que V. Excia., deixou aos pés da estátua de Cupido para o meu colega Leopoldo! (Dá a luva) Que luva! só tem o dedo com que se diz: "ponha-se na rua"! V. Excia. adivinhava a ingratidão daquele perverso! quer que eu lhe diga de quem, por causa dele, ardeu em cruéis ciúmes no baile?...

JOAQUINA - Não sou curiosa... não...

AUGUSTO - Mas o meu discurso vai longe, e para cortar-lhe o fio, ser-me-ia indispensável uma tesourinha...

JOAQUINA - Aqui a tem: (dá-lhe a tesourinha) peço-lhe mil perdões por não lhe ter dado dominus tecum, quando espirrou. (Baixo.) Agora aí está D. Gabriela... não o faça esperar. (Alto.)

GABRIELA - Ao contrário... eu rogo que me dispense...

AUGUSTO - Como, se V. Excia. votou contra tudo; mas conveio em tudo?... (Bebe) de que se arreceia?... Ao menos V. Excia. não é inconstante: deseja só casar-se, e por isso atende a todas as declarações de amor, e ao Dr. Melvino ao capitão Ferraguz e a todos os adoradores que a requestam responde sempre: "pode falar a papai".

GABRIELA - É assim?... pois eu lhe contarei trinta histórias de D. Quinquina.

AUGUSTO - Tal promessa me exalta, e por novo encantamento posso já oferecer a V. Excia. este precioso laço de fita (dando-o.) que... dos seus lindos cabelos passou docemente...

GABRIELA (Interrompendo) - O Sr. quer a minha tesourinha? (dá-lha.) Você há de me pagar! (A Joaquina que ri)

AUGUSTO - Nem mais uma palavra... minhas senhoras, perdão! só agora reparo que estão transidas de frio: vou depositar na gruta este copo, e se V. Excias. o permitirem, terei a honra de acompanhá-las à casa. (Entra na gruta.)

JOAQUINA - Vocês querem saber? Foi ele quem espirrou.

JOANA - Fugamos antes que ele volte!... (Indo-se.)

GABRIELA - Já. (Indo-se.)

JOAQUINA - D. Gabriela desta vez votou a favor! (vão-se.)

AUGUSTO (De volta) - Foram-se?... mas deixaram-me por lauréis da mais famosa vitória de estudante estas tesourinhas que nenhum poder humano seria capaz de arrancar de minhas mãos. Ótimo com laude! venci-as!... (Rompe o sol.)

CAROLINA (Saindo da gruta com o copo na mão) - E agora é a sua vez!... (Ainda quer falar, Felipe a contém, o mesmo se repete.)

AUGUSTO - Ah!... minha Senhora! é verdade!... o sol rompeu...

CAROLINA - Também experimentarei o encanto das lágrimas de amor, mas hei de beber as gotas para não se acumularem os segredos. (Bebe: Joana, Joaquina e Gabriela, voltam e vão para o rochedo.)

AUGUSTO - Praza ao céu que elas lhe revelem tudo!

CAROLINA - Bandoleiro!... ora... é história antiga! nestes dois dias cativos de minhas primas, de D. Gabriela, e de cinco outras Senhoras...

AUGUSTO - Mas já soltei o brado do Ipiranga: independência ou morte!...

A moreninha

CAROLINA - E não irá daqui a cem anos colher violetas no coração de D. Gabriela?... a caboclinha coema deu-me agora mesmo o seu ramalhete de violetas. (Mostra-o.) Tome-o, vá plantá-lo naquele jardim palpitante.

AUGUSTO - Feiticeira lh'o deu, feiticeira o recebeu, fique em poder de feiticeira. (Carolina guarda o ramalhete.)

CAROLINA (Bebe.) - Ah, Sr. doutor Augusto, que coisa tão feia andar espiando as moças na sua sala de toilette! O Sr. atribuiu há pouco ao poder de encantamento a revelação de segredos, que ouviu indiscretamente escondido, onde por castigo se encheu de teias de aranha.

AUGUSTO - Por consequência...; mas eu não me animo a tirar a consequência: limito-me a confissão do meu pecado.

CAROLINA (Olhando para o copo) - E que bonita conversação na mesma sala!... obrigada pelo juízo que fez de mim de acordo com Felipe: sou desinquieta... leviana... impertinente... estouvada...

AUGUSTO - Misericórdia! o aleivoso foi seu irmão, eu tinha um único empenho... permite, que o diga?...

CAROLINA - Espere. (Bebe) já o sei: empenhava-se em saber algum segredo de minha vida, e, coitado! apenas soube que eu às vezes desenhava bonecos, e escrevia por baixo da figura "meu noivo". E esta?... a caboclinha coema não me pôs no bolso o meu pequeno álbum de meninas?... (mostra-o) Eis um retrato do meu noivo! O Sr. desejaria possuí-lo?

AUGUSTO - Muito! mas tenho medo de ficar só com o desejo.

CAROLINA - Ora... (hesitando) O que eu estimaria era não rasgar com descaso o meu álbum... não tenho aqui com que cortar a folha...

AUGUSTO - Eu dou a V. Excia. uma tesourinha: (Dá: Carolina corta a folha e guarda a tesoura.) O boneco é bem desenhado, é; mas tem o defeito de não se parecer comigo.

CAROLINA (Bebe.) - Pior! além de desmazelado o senhor é fátuo?... não achou uma luva que procurava, deixou furtarem-lhe uma fita já furtada e veio aqui ostentar habilidade que não teve; pois somente adquiriu esses objetos por partes mágicas do fundo do seu chapéu.

AUGUSTO - É exato, minha Senhora, e além da luva e da fita um raminha de arruda, que, aliás, não me curou do quebranto.

CAROLINA - E como é fingido!... simulou ter em grande apreço um pobre botão de rosa e por negligência o perdeu. A caboclinha Coema acaba de dar-me: olhe: (Mostra.) Sou capaz de apostar que vai de novo figir anhelos de obtê-lo.

AUGUSTO - Oh! fingir, não! mas eu lh'o peço... pedi-lo-ia de joelhos!

CAROLINA - De joelhos, por tão pouco?... que é da minha tesoura?... bem vê que a caboclinha prendeu o botão por este cadarço a algum ponto da gruta... mas... não sei que fiz da tesourinha.. veja se a acha...

AUGUSTO - Aqui está outra, minha Senhora... (Dá outra tesoura.)

CAROLINA (Cortando o cadarço e dando o botão.) - Nenhum poder humano seria capaz de arrancar estas tesourinhas de minhas mãos!...

AUGUSTO - Reconheço-me por minha vez batido e derrotado; mas por angélico poder V. Excia. quer a terceira tesourinha?...

CAROLINA - Não... não... guarde-a: pode ser que venha a precisar dela! (Bebe.)

AUGUSTO - Eu?... é verdade que me sinto completamente enleado; não há porém tesoura que possa cortar o meu enleio...

CAROLINA - Não me perturbe... agora estou lendo no seu coração...

AUGUSTO - É um livro cheio de erratas, minha Sra.; leia somente a última página...

CAROLINA - Que livro! é um dicionário de nomes próprios riscados...

AUGUSTO - Exatamente... todos riscados... menos um só, que está escrito na última página... veja!...

CAROLINA - Estou vendo... uma garatuja indecifrável... creio que é... et cetera com potinhos de reticência... (Olhando o copo.)

AUGUSTO - Oh! não!... bem sabe... é... Carolina...

CAROLINA - Deveras? então agradeço-lhe a companhia dos nomes riscados e o bom gosto, com que me pôs do pé do índice.

AUGUSTO - Portanto o que devo ter no coração é desesperança e desdita!

CAROLINA - Não sei: eu agora leio nele somente perjúrio e ingratidão...

AUGUSTO - Protesto que seus belos olhos não lêem isso na última página!

CAROLINA (Olhando para o copo: comoção crescente.) Porque os tenho embebidos na primeira! que vejo eu?... um menino e uma menina, estão a borda do mar... de improviso camaradas correm... brincam... trocam promessa de casamento para quando forem grandes... (Ironia terna) Amor de crianças que dura menos que as rosas, não é?... agora a cena é lúgubre... ali estão!... a velha e três meninos que choram, cercando ela o filho, eles o pai que vai morrer... ah! uma esmeralda, e um camafeu acodem a miséria e a fome... ei-los encerrados em dois breves... um branco... outro verde... lembra-se?... oh!... (Trêmula ergue-se) a mão do moribundo... ele fala!... é a benção do anjo da caridade com um voto e uma prece a Deus!... lembra-se?... o Sr. chorava... ela também chorava... (em lágrimas) oh!... choraram tanto que me estão fazendo chorar!...

AUGUSTO - Meu Deus!.. que não me falhe a esperança da coincidência mais bem aventurada!... seria possível...

CAROLINA (Outro tom) - Não é possível, é certo que eu o ouvi aqui mesmo contar toda esta história a minha avó. É verdade! O Sr. não diz mais o seu romance da visão do passado?...

AUGUSTO - Pensei que se abria o céu, e não era não e digo mais, minha senhora; sou realmente perjuro e ingrato àquele amor inocente e puro... por sua causa!...

CAROLINA (Exaltada) - Oh, nunca!... há nesse amor poesia... esperança... fé... e amor santo! não quero que se apague na sua alma!...

AUGUSTO - É tarde! já sou perjuro e ingrato!... amo-a!...

CAROLINA - Oh!... mal pensa como é doce e cruel a vitória da minha vaidade! mas triunfo?... o Sr. ainda conserva sobre o coração o breve da esmeralda: quero-o!... quero que m'o sacrifique! (Ana quer interromper, Felipe a impede.)

AUGUSTO (Tirando, observa.) - Ei-lo... oh!... mais este breve... perdão.... amo-a... e não sei... não ousou... se eu lhe deste este breve, ficar-me-ia no seio como o remorso de um sacrilégio... perdão!... não exija!...

CAROLINA - Oh!.... abençoada seja a recusa!... abençoada! (Comovida.)

A moreninha

AUGUSTO - (Com o breve nas mãos canta. Comovido.)

Meus Deus!... Meu Deus!... que se passa em mim?...

(Recita) -

Bela visão do passado
Que na minh'alma ficou!
Imagem de anjo mimoso,
Que mais nunca me deixou!
Tenho fé que inda na vida
Deus me dará meu encanto,
Aquele amor que amei tanto.
Num dia só que brilhou.

CAROLINA - Ah!... Sim!... pois que teve fé, devo eu também enfim ter caridade: olhe, Sr. Augusto, a Caboclinha Coema ordenou-me que lhe entregasse... este breve... (Dá o seu breve.)

ANA (Do Rochedo) - Carolina!... estouvada!... (Desce, e descem todos)

AUGUSTO - Verde!... ah!... (Rompe com a tesourinha.) Oh!... o camafeu!... achei minha noiva... achei-a!...

ANA (Todos em cena) - Carolina!... que é isto?...

CAROLINA - Minha avó, nós somos camaradas antigos.

ANA (Levantando Augusto que se ajoelha.) - Advinho, e alegre concedo o que quer pedir-me, Deus os abençoou... hão de ser felizes!...

JAMES (Vindo de casa de copo na mão.) - Eu venho cheio de entusiasmo! Viva Moreninha noiva de Dr. Augusta! (Bebe.)

TODOS - Parabéns!... Parabéns!...

VIOLANTE (A James.) - Ah, Mr. James, este exemplo deve ser epidêmico!

JAMES - Oh! non, para não fica anacrônico. Vive Senhore don'Ane!... (Bebe.)

FELIPE (Batendo no ombro de Augusto.) - Ex-bandoleiro! perdeste a aposta! deves-me uma comédia.

AUGUSTO - Perdi, ganhando: a comédia está pronta.

FELIPE - Como se intitula?...

AUGUSTO - Que pergunta!!... é a Moreninha.

CAROLINA (Canta) -

Eu tenho quinze anos
E sou morena e linda,
Se outrora fui feliz,
Serei feliz ainda.

CORO (Geral) -
Feliz outrora foste
Serás feliz ainda.
PANO
FIM

A moreninha

